



Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UC/EPCE-2016

A Confiança Interpessoal e o Bem-Estar Psicológico na Idade Adulta

Francisca Manuel da Mata Raimundo Coxixo (e-mail:
francisca.coxixo@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Desenvolvimento sob a orientação da Professora Doutora Maria da Luz Bernardes Rodrigues Vale Dias

A Confiança Interpessoal e o Bem-Estar Psicológico na idade adulta

Resumo: O tema do Bem-Estar tem sido uma preocupação crescente, transversal às distintas faixas etárias, bem como aos diferentes géneros. Com as evoluções verificadas neste campo assistimos atualmente, a diversas terapias, atividades, práticas desportivas, ou hábitos alimentares que têm como objetivo alcançar o Bem-Estar nas suas diversas dimensões. No âmbito da Psicologia, este é também um conceito de grande interesse, central para múltiplas pesquisas.

O presente estudo exploratório procurou analisar a relação entre a Confiança Interpessoal em dois alvos distintos (Melhor Amigo e Par Amoroso) e o Bem-Estar Psicológico, pretendendo-se também estudar o papel de certas variáveis sociodemográficas.

Como suporte do estudo foi utilizada uma amostra composta por 303 indivíduos, homens e mulheres, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos ($M=33,22$; $DP=14,01$). Posteriormente, para as análises relacionadas com o Par Amoroso, foram considerados apenas 182 sujeitos.

A recolha de dados realizou-se através da aplicação de um questionário sociobiográfico, da Adaptação Portuguesa da “Rotenberg’s Specific Trust-Scale-Adults” e da versão Portuguesa das Escalas de Bem-Estar Psicológico de Carol Ryff.

Como principais resultados destacamos correlações fracas e moderadas, mas estatisticamente significativas, quando considerada a Confiança Interpessoal e as Escalas de Bem-Estar quer na sua totalidade quer ao nível das suas dimensões. Foram ainda encontrados interessantes dados relativos ao papel de certas variáveis sociodemográficas, tais como o género e a idade.

Palavras-chave: Confiança Interpessoal, Bem-Estar Psicológico, Adultos

Interpersonal Trust and Psychological Well-Being in Adulthood

Abstract: The well-being has been a growing concern, crossed to the different age groups, as well as the different genders. With the developments in this field, we currently assist to several therapies, activities, sporting activities, or eating habits with the objective of reaching the Well-being in all of its dimensions. In the field of psychology, this is also a concept of great interest for multiple researches.

The present exploratory study sought to analyze the relationship of Interpersonal Trust in two distinct targets (best friend and loving partner) and the Psychological Well-being, and also study the role of certain socio-demographic variables.

To support this study it was used a sample composed by 303 individuals, men and women, with ages between 18 and 65 years old ($M=33,22$; $DP=14,01$). Later, for the analysis related to the loving partner, only 182 subjects were considered.

The data collection was held through the application of: a sociobiographic questionnaire, the Portuguese Adaptation of the "Rotenberg's Specific Trust-Scale-Adults", and the Portuguese version of Scales of Psychological Well-Being by Carol Ryff.

As main results we found weak and moderate correlations, but statistically significant, when considered the Interpersonal Trust and the Scale of Well-Being, referring to total score or its dimensions. Interesting data concerning the role of certain socio-demographic variables, such as gender and age, were also found.

Key-words: Interpersonal Trust, Psychological Wellbeing, Adults

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o meu agradecimento à minha orientadora, Prof. Doutora Maria da Luz Vale Dias, por todas as partilhas no decorrer deste novo desafio, pela dedicação e apoio, e pelas palavras de encorajamento.

Um agradecimento enorme à minha mãe, por ter estado sempre ao meu lado, por ter apoiado cada passo que eu dava e incentivar-me a continuar o meu percurso, mesmo em momentos de stress. Por todos os conselhos, por todas as palavras e por me transmitir sempre a calma que precisava. Acima de tudo, por proporcionar-me a oportunidade de nunca ter desistido dos meus estudos mesmo em momentos de grande dificuldade.

Aos amigos que não enumero um por um mas que eles sabem quem são, pela presença, pela compreensão, pela ajuda, por perguntarem constantemente se precisava de alguma coisa, por lerem e relerem tudo, por imprimirem e distribuírem questionários, por tentarem ajudar-me a perceber estatística, pelas longas discussões e por todos os dias.

À Mariana, que se tornou numa amiga e numa confidente ao longo do estudo, com quem pude partilhar as dúvidas, os anseios, as discussões de resultados e todo o resto. O meu obrigado pelas palavras, pelos devaneios e pelos desabafos.

Por último, mas não menos importante, ao meu namorado por caminhar sempre ao meu lado e por me ter dado a estabilidade emocional e apoio desde o início, por ouvir as minhas dúvidas existenciais e compreender as minhas ausências, por estar presente em cada momento importante da minha vida.

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| I – Enquadramento concetual..... | 1 |
| 1. Confiança Interpessoal | 1 |
| 1.1. Concetualização da confiança interpessoal: Teoria e Modelo de Rotenberg..... | 2 |
| 2. Modelos de Bem-Estar | 3 |
| 2.1. O Bem-Estar Subjetivo..... | 4 |
| 2.2. O Bem-estar Psicológico..... | 5 |
| II - Objetivos e Hipóteses..... | 6 |
| III - Metodologia | 8 |
| 1. Caracterização da amostra | 8 |
| 2. Instrumentos e procedimentos de investigação adotados..... | 11 |
| 2.1. Questionário Sociobiográfico | 12 |
| 2.2. Adaptação Portuguesa da “Rotenberg’s Specific Trust Scale-Adults” | 12 |
| 2.3. Escalas de Bem-estar Psicológico | 12 |
| 3. Procedimento | 13 |
| 3.1. Procedimentos estatísticos | 13 |
| IV - Resultados..... | 14 |
| 1. Adaptação portuguesa da <i>Rotenberg’s Specific Trust Scale-Adults</i> | 14 |
| 2. Diferenças entre médias..... | 19 |
| 3. Relações entre variáveis..... | 26 |
| V – Discussão..... | 31 |
| VI - Conclusões..... | 35 |
| Bibliografia | 37 |
| Anexos | 42 |

Introdução

A confiança desempenha um papel crucial na aprendizagem e no funcionamento humano (Rotenberg, 2010). É um construto estudado em diferentes vertentes: a confiança é importante tanto na formação e manutenção de amizades (Rotenberg, 2001), como nas relações românticas (Lamm, 1998, citado em Rotenberg, 2001) e ainda nas relações estabelecidas nas organizações (Kramer & Tyler 1996, cit. in Rotenberg, 2001). Para além de destacar o conceito referido, o presente estudo centra-se também na dinâmica do Bem-Estar Psicológico de Carol Ryff, que resulta da passagem de um paradigma patogénico para um paradigma salutogénico, no qual assistimos a um interesse crescente dos mecanismos psicológicos que atuam de forma preventiva e terapêutica sobre a saúde mental e física.

Atendendo a que são inexistentes, em Portugal, estudos que relacionem os dois construtos, justifica-se explorar possíveis associações.

O presente trabalho encontra-se dividido em: i) Enquadramento concetual, no qual se realiza uma revisão da literatura para a Confiança Interpessoal segundo o modelo de *Rotenberg* e sobre a dinâmica do Bem-Estar Psicológico, guiado pelos estudos de *Carol Ryff*, ii) Objetivos e Hipóteses, levantados após a mesma revisão; iii) Metodologia, Materiais e Procedimentos; iv) Resultados nos quais se analisa as hipóteses anteriormente levantadas; v) Discussão dos resultados; vi) Conclusão, onde se resume as principais conclusões e se colocam linhas de investigação futura.

I – Enquadramento concetual

1. Confiança Interpessoal

A confiança é uma qualidade imprescindível em todas as relações de proximidade. Nas teorias das relações interpessoais, a confiança interpessoal é o ingrediente mais importante na manutenção de relações funcionais e felizes (Simpson, 2007). A confiança, segundo vários autores é considerada como uma disposição, um atributo que gera estabilidade, ao nível dos afetos, da componente cognitiva e em comportamentos na interação com determinados parceiros. (Wieselquist, Rusbult, Foster, & Agnew, 1999).

Várias são as teorias e pesquisas que consideram a confiança interpessoal responsável pelos desequilíbrios físicos e mentais dos indivíduos, em diferentes contextos sociais (Rotenberg, 2010). Teorias como a da Vinculação de Bowlby (1969, cit. in Rotenberg, 2010) ou a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Eric Erickson (1963, cit. in Simpson, 2007; Rotenberg 2010) postulam que são os elevados níveis de confiança estabelecidos nas primeiras relações da vida do sujeito que permitem adultos felizes e funcionais. A confiança é, pois, a pedra basilar na formação de uma

personalidade saudável, no estabelecimento de relações familiares fortes e equilibradas e na manutenção de amizades (Rotenberg, 2001).

Rotter (1967) define a confiança interpessoal como “a esperança de um indivíduo ou grupo, em como a palavra, promessa e declaração, verbal ou escrita, de outro indivíduo ou grupo, pode ser invocada” (p.651). De acordo com Rotter, o desenvolvimento da atitude de confiar pode ser aprendida diretamente a partir de comportamentos dos pais, professores, pares e, também, a partir de declarações verbais sobre outros, feitas por pessoas significativas ou de confiança, e até mesmo por fontes de comunicação confiáveis, tais como jornais e televisão.

Nos anos 90, a confiança passou a ser alvo de estudo nas mais diversas áreas – sociologia, economia, filosofia, ciência organizacional e educacional – a par da emergência da tecnologia na sociedade (Tschannen – Moran & Hoy, 2000). Muitos foram os autores que se debruçaram sobre a confiança e a definiram como um constructo abrangente e integrador, (Bernath & Feshbach, 1995). Earl (1987, cit. in. Bernath & Feshbach, 1995, p.2.) identificou três tipos de confiança: a confiança nos outros, de acordo com a abordagem de Rotter; a autoeficácia ou competência pessoal em ambientes sociais, de acordo com a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura; e a autoconfiança, definida como a expectativa na capacidade de cumprimento de uma tarefa (Bernath & Feshbach, 1995). Mais tarde, autores como Mayer, Davis e Schoorman (1995) e Zand (1997) descreveram a confiança como sendo a aceitação da vulnerabilidade perante as expectativas e comportamentos dos outros, independentemente da capacidade de controlo sobre esses comportamentos (Lount, 2010).

De entre as diferentes definições, não existe consenso que permita a universalização do conceito (Kramer 1999) tendo sido adoptadas por muitas posições que vão ao encontro da Teoria de Erikson (1950) e da Teoria de Rotter (1954, cit. in. Bernath & Feshbach, 1995).

Tendo em conta a imprescindibilidade da confiança interpessoal no funcionamento social, podemos considerá-la um construto universal e vital para o bom funcionamento da sociedade e do indivíduo (Tschannen-Moran & Hoy, 2000; Rotenberg, 1991, 2010; Evans & Kruger, 2011).

1.1. Concetualização da confiança interpessoal: Teoria e Modelo de Rotenberg

A confiança tem sido conceptualizada e definida na literatura de diferentes maneiras (Rotenberg, 2010). Uma das concetualizações mais aceites é a de Rotenberg (1994; 2001) que, sendo um autor proeminente na área da confiança interpessoal, refere a existência de três bases de confiança, nomeadamente: a fidelidade, que diz respeito ao cumprimento da palavra ou promessa (Rotenberg, 2010); a confiança emocional, que diz respeito ao princípio de que os outros se abstêm de causar danos emocionais, de que estão disponíveis para revelações, mantêm a confidencialidade das mesmas,

abstêm-se de críticas e evitam atos que fomentem constrangimentos (Rotenberg, Boulton; & Fox, 2005; Rotenberg, 2010); e a honestidade, que diz respeito ao fato de se dizer a verdade, a dedicar-se a comportamentos que sejam guiados por intenções benignas e estratégias genuínas em vez de intenções maliciosas e estratégias manipulativas e traiçoeiras (Rotenberg, 2001; Rotenberg et al., 2008; Rotenberg, 2010).

Estas três bases embora aparentemente iguais distinguem-se em três domínios. O primeiro é o cognitivo – afetivo, que compreende as crenças individuais sobre a confiabilidade dos outros, acreditando que agem de forma confiável, emocional e honestamente. O domínio da confiança dependente do comportamento diz respeito a comportamentos baseados nas ações dos outros, sendo estas a alusão para os comportamentos confiáveis e assumidos. Finalmente, refira-se a iniciativa de comportamento, que postula o envolvimento comportamental do indivíduo na promulgação das três bases da confiança (Rotenberg, 2010; Rotenberg, Betts, Eisner & Ribeaud, 2012).

Na linha concetual de Rotenberg (2001; Rotenberg, 2010), para além das três bases e dos três domínios supracitados, encontram-se ainda duas dimensões. A primeira corresponde à especificidade, que oscila entre a confiança generalizada e a que é dirigida a alguém em particular. No caso da segunda, a familiaridade, a confiança varia entre os níveis de “não familiar” e “muito familiar”. Estes conceitos são compreensivelmente dimensionais - variando entre níveis – considerando as bases concetuais da teoria de Rotenberg (2001): a confiança possui um carácter recíproco e bidirecional.

É importante referir que a confiança é tida como imprescindível ao bom funcionamento de todas as relações.

2. Modelos de Bem-Estar

Segundo Ryan e Deci (2001, 2008), existem essencialmente duas perspetivas teóricas de base relativamente ao Bem-Estar, o Bem-Estar Subjetivo e o Bem-Estar Psicológico. Desde a publicação de “Well-Being: The Foundation of Hedonic Psychology” (Kahneman, Diener, Schwarz, 1999), o Bem-Estar Subjetivo tem sido associado a uma perspetiva *hedónica* de Bem-Estar. Já o Bem-Estar Psicológico surge com os trabalhos de Ryff (1989), associado a uma perspetiva *eudaimónica* como forma de modificar a perspetiva hedónica de Bem-Estar que prevalecia na época. Partindo da síntese de Novo (2003), podemos considerar que, basicamente, a ênfase na felicidade, por um lado, e na saúde mental, por outro, distingue os dois construtos e os dois domínios teórico-empíricos em que a investigação relativa a cada um deles se fundamenta e desenvolve.

Os autores Seligman e Csiksentmihalyi (2000) agrupam-nos num domínio de estudo que designam de *Psicologia Positiva*, remetendo para um novo prisma desta ciência e atividade profissional já não apenas centrada no atenuar do sofrimento humano mas também, como afirma Novo (2003), na compreensão e promoção dos fatores positivos que permitem às pessoas, às

comunidades e às sociedades desenvolver-se, prosperar e florescer.

O conceito de Bem-Estar enquadra-se no construto de saúde mental, sendo que, apesar de não se assumir como uma medida absoluta para medir a saúde mental, é uma condição essencial para a mesma (Galinha, 2008). Pode considerar-se que “o Bem-Estar é um construto complexo que se centra na experiência e no funcionamento ótimos” (Ryan & Deci, 2001) e que pode remeter-nos para várias dimensões (e.g., afetiva e cognitiva).

2.1. O Bem-Estar Subjetivo

O Bem-Estar Subjetivo (BES) é o conceito que resultou da investigação conduzida dentro da tradição hedónica, é um termo que designa o nível de Bem-Estar que os indivíduos experienciam, a partir das avaliações subjetivas que fazem da sua própria vida. Em 1989, Diener delimitou-o a partir de três grandes critérios que prevalecem válidos até hoje (Pavot & Diener, 2010) e que são os seguintes: o bem-estar é subjetivo pois reside na experiência do indivíduo; não se verifica pela simples ausência de fatores negativos mas inclui medidas positivas; a avaliação do bem-estar é global ao invés de ser uma apreciação restrita de um domínio específico. Em 2004, Diener, Scollon e Lucas propuseram um modelo estrutural de Bem-estar Subjetivo que compreende quatro componentes: Satisfação com a Vida, Domínio de Satisfação, Afeto Positivo e Afeto Negativo. A satisfação com a vida refere-se à dimensão psicológica subjetiva da qualidade de vida que, por sua vez, inclui outras dimensões objetivas, como as condições de vida e as circunstâncias sociais, sendo por isso consideradas por muitos autores como conceitos diferenciados (Veenhoven, 1996). A satisfação com a vida é um processo de julgamento cognitivo dependente de uma comparação das circunstâncias do próprio com o que este acredita ser um padrão adequado; considera-se portanto, uma conceptualização cognitiva do bem-estar subjetivo. Este pode ser considerado igualmente como uma experiência afetiva, onde estão subjacentes duas dimensões, a positiva e a negativa (Diener, 1994).

Atualmente existe algum consenso no que respeita ao conceito ser composto por uma dimensão cognitiva, em que existe um juízo avaliativo, normalmente exposto em termos de satisfação com a vida, em termos globais ou específicos da própria vida e uma dimensão afetiva, emocional positiva (alegria, afeição e orgulho) e negativa (vergonha, culpa, tristeza e ansiedade), expressa também em termos globais ou específicos (Galinha, 2008).

A natureza deste construto é constituída por múltiplos níveis, sendo que este é determinado por fatores biológicos, cognitivos, de personalidade e sociais. Vários estudos concluíram que existem nomeadamente seis níveis no sujeito que estão relacionados e são preditivos do bem-estar, sendo eles cultura, relações sociais, narrativas pessoais, objetivos de vida, traços de personalidade e necessidades psicológicas (Sheldon & Hoon, 2007; Sheldon, 2004).

Relativamente ao bem-estar subjetivo existem alguns modelos explicativos, nomeadamente a teoria *Top-Down* vs teoria *Bottom-Up*. O modelo *Top-Down* refere que a propensão interna para experienciar o mundo de determinada forma irá afetar a forma como o indivíduo interage e percebe o mundo, concluindo-se assim que a atitude positiva perante objetivos e eventos seja um fator causal do bem-estar (Diener & Ryan, 2009). Por outro lado, existe o modelo *Bottom-Up*, que refere que a vivência de momentos positivos e negativos irá influenciar a percepção do bem-estar subjetivo. Pode concluir-se que na perspectiva *Top-Down* o bem-estar subjetivo é uma causa, enquanto na perspectiva *Bottom-Up* é um efeito (Galinha, 2008).

O Bem-estar subjetivo parece apresentar alguma estabilidade temporal, ainda que suscetível à influência de fatores internos e de fatores externos (Diener, 1994, Pavot & Diener, 2010). No entanto, as maiores críticas tecidas no âmbito deste modelo prendem-se com os seus aspetos teóricos, ou com a ausência deles e com as metodologias empregues no seu percurso de validação empírica (Novo, 2003).

2.2. O Bem-estar Psicológico

O modelo de Bem-estar Psicológico foi apresentado por Carol Ryff nos anos 80 (Ryff, 1989b), após a divisão concetual de Bem-Estar subjetivo e Bem-Estar psicológico e desenvolvido essencialmente por Ryff e Keyes (1995). Nos primeiros artigos que publica, Ryff reconhece que a Psicologia se preocupou maioritariamente com a exploração dos aspetos inerentes à psicopatologia humana, deixando de parte a observação e exploração do funcionamento adaptativo (Ryff, 1989b; Ryff & Keyes, 1995; Ryff et al., 1999). A construção do modelo de Bem-Estar Psicológico revela uma preocupação em dar resposta às lacunas detetadas na literatura existente, nomeadamente o fato de o construto de Bem-Estar Subjetivo ser muito restritivo, pois o Bem-Estar é mais do que a satisfação com a vida, afetos positivos e ausência de afetos negativos. Mais do que simplesmente alcançar a felicidade, Ryff (1995) caracteriza o Bem-Estar como “a procura da perfeição que representa a realização do verdadeiro potencial”, sendo que, nesta visão, a felicidade não é considerada o ponto central mas antes “o produto de uma vida que é bem vivida (Ryff & Singer, 1998). Desta forma, Ryff introduz um construto multidimensional baseado em conceções de crescimento pessoal, desenvolvimento humano e auto-realização, que traduz um conjunto de processos cognitivos, afetivos e emocionais ligados a saúde mental. O Bem-Estar Psicológico abrange e permite descrever um conjunto de dimensões do funcionamento psicológico positivo na idade adulta: a relação da pessoa consigo própria e com a sua vida no presente e no passado, a capacidade para definir e orientar a vida em função de objetivos significativos para si própria, a natureza e a qualidade da relação com o meio inter subjetivo e social.

É de notar, como refere Novo (2003), que a proposta de Waterman (1993) de que a *eudaimonia* integra, além da felicidade ou prazer hedonista, a expressão do desenvolvimento da personalidade, se encontra representada neste novo modelo de bem-estar. Apoiada em Waterman, Ryff (1989b) desafia o enquadramento previamente feito ao conceito de *eudaimonia* como o atingir de um estado final (a felicidade). Sugere que o *daimon* é melhor compreendido como um ideal face ao qual os sujeitos lutam para o alcançar, sendo a eudaimonia a manifestação do processo de realização do potencial pessoal (Ryff, 1989b; Ryff & Singer, 1998). Ryff (1989b) parte da revisão dos trabalhos e conceções de Aristóteles sobre a natureza humana, nomeadamente, uma conceção que assenta no potencial e virtude do ser humano, mas também partiu das orientações teóricas psicodinâmicas e humanistas, designadamente dos fenómenos de individualização (Jung, 1933), auto-realização (Maslow, 1968), maturidade (Allport, 1961), funcionamento pleno (Rogers, 1961) e desenvolvimento humano (Erikson, 1959; Neugarten, 1973).

Em termos empíricos, as diferentes dimensões são avaliadas a partir de seis indicadores de funcionamento positivo, que Ryff extraiu do seu trabalho de revisão e integração teórica: a Auto-Aceitação, que retrata o nível de auto - conhecimento, funcionamento ótimo e maturidade; a Autonomia, que possui como indicador o locus interno de avaliação e a independência das aprovações externas; Controlo sobre o Meio, ou seja, a capacidade do indivíduo para escolher ou criar ambientes adequados às suas características e a capacidade de controlo de meios complexos; as Relações Positivas, que implicam a capacidade de estabelecer relação de empatia e afeição com os outros, capacidade de amar e manter amizades; Propósito na Vida, isto é, a capacidade de estabelecer objetivos, atribuindo significado à própria vida; e Desenvolvimento Pessoal, ou seja, a necessidade constante de Crescimento Pessoal, vivência de novas experiências e desafios.

Para otimizar a avaliação destas dimensões, Ryff criou um instrumento de auto-avaliação estruturado e composto por seis escalas conceptualmente congruentes com os indicadores de funcionamento positivo que avaliam: as *Scales of Psychological Well-Being (SPEB)* (Ryff, 1989b).

II - Objetivos e Hipóteses

O objetivo primordial na elaboração do estudo é dar um contributo para a análise de relações entre as várias dimensões do Bem-Estar Psicológico e a Confiança Interpessoal, nas ligações de amizade e na relação com o par amoroso. Pretende-se, ainda, conhecer o papel de variáveis sociodemográficas, tais como o género e idade, na Confiança Interpessoal e no Bem-Estar Psicológico.

Assinalam-se alguns objetivos específicos:

Objetivo 1: Descrever a amostra recolhida em termos das suas

características sociodemográficas.

Objetivo 2: Contribuir para a adaptação da escala de Confiança Interpessoal, considerando dois alvos diferentes (Melhor Amigo e Par Amoroso).

Objetivo 3: Analisar o papel das variáveis sociodemográficas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e no Bem-Estar Psicológico.

Objetivo 4: Verificar se existem relações de associação entre a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso e as várias dimensões de bem-estar psicológico.

Após delimitados os principais objetivos da investigação, são formuladas as seguintes hipóteses.

Hipótese 1: *Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao género.*

Hipótese 2. *Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo aos principais problemas de vida ou dificuldades relatados.*

Hipótese 3. *Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo aos grupos de idade.*

Hipótese 4: *Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao estatuto socioeconómico.*

Hipótese 5: *Existem diferenças estatisticamente significativas no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao grau de escolaridade.*

Hipótese 6: *Existem diferenças estatisticamente significativas no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao estatuto marital.*

Hipótese 7: *A Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso relacionam-se de forma positiva com as dimensões de bem-estar psicológico.*

Hipótese 8: *O Bem-Estar Psicológico relaciona-se de forma positiva com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores.*

Hipótese 9: *Nos diferentes grupos de idade, a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, relaciona-se de forma positiva com as dimensões de Bem-Estar Psicológico.*

Hipótese 10: *As dimensões de Bem-estar Psicológico relacionam-se de forma positiva com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, atendendo ao sexo e ao estatuto socioeconómico.*

III - Metodologia

1. Caracterização da amostra

A amostra do presente estudo foi composta pelo método de amostragem por conveniência devido às várias limitações temporais e financeiras. Os sujeitos que voluntariamente concordaram em participar no estudo assinaram primeiramente um documento que contempla o consentimento informado (Anexo I), no qual eram informados de que poderiam desistir em qualquer momento do preenchimento dos instrumentos. Os sujeitos que integram a amostra foram contatados nos diferentes locais que frequentavam (faculdade, trabalho) e através da rede informal de contatos das investigadoras. A amostra utilizada no presente estudo é constituída por 303 sujeitos. Nas análises com o Par Amoroso, a amostra é reduzida para 182 sujeitos, sob a condição de relatarem para o seu relacionamento amoroso uma com duração igual ou superior a seis meses.

Em relação às características sociodemográficas da amostra, calculadas através de estatísticas descritivas, a mesma é constituída por 94 (31%) indivíduos do sexo masculino e 209 (69%) do sexo feminino (cf. Tabela 1). Os sujeitos inquiridos são em maioria de nacionalidade Portuguesa (98,0 %). Em relação à idade, a amostra foi dividida em três grupos, sendo que o primeiro corresponde aos “adultos emergentes” dos 18 aos 24 anos, que totalizam 128 (42,2%). O segundo grupo engloba os “jovens adultos” dos 25 aos 44 anos, totalizando 92 (30,4%). Finalmente, o terceiro grupo abrange “adultos de meia-idade” dos 45 aos 65 anos, totalizando 79 (26,1%). Existiram ainda 4 indivíduos que optaram por omitir a idade, o que corresponde a uma percentagem de 1,3%. (cf. Tabela 2). A média de idade da amostra é de 33,22 anos, tendo o sujeito mais novo 18 anos e o mais velho 65 anos (cf. Tabela 3).

Tabela 1. Frequências e Percentagens em função do sexo na amostra total (N=303)

| Sexo | Frequência | Percentagem |
|-----------|------------|-------------|
| Masculino | 94 | 31,0 % |
| Feminino | 209 | 69,0 % |
| Total | 303 | 100,0 % |

Tabela 2. Distribuição dos sujeitos em função da idade (N=303)

| | Frequência | Percentagem |
|---------------|------------|-------------|
| 18-24 Anos | 128 | 42,20 % |
| 25-44 Anos | 92 | 30,40 % |
| 45-65 Anos | 79 | 26,10 % |
| Não respondeu | 4 | 1,30 % |
| Total | 303 | 100,00 % |

Tabela 3. Características gerais em relação à idade da amostra total (N=299)

| | N | Média | Desvio Padrão |
|-------|-----|-------|---------------|
| Idade | 299 | 33,22 | 14,012 |

Em relação à distribuição dos sujeitos por nível socioeconómico, podemos constatar que o nível socioeconómico médio é o que prevalece (40,30 %), não havendo grande discrepância entre o nível socioeconómico baixo e elevado (28,70 % e 22,80 %) respetivamente (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Distribuição dos sujeitos da amostra por nível socioeconómico (N=303)

| Nível Socioeconómico | Frequência | Percentagem |
|------------------------------|------------|-------------|
| Nível socioeconómico baixo | 87 | 28,70 % |
| Nível socioeconómico médio | 122 | 40,30 % |
| Nível socioeconómico elevado | 69 | 22,80 % |
| Não respondeu | 25 | 8,30 % |
| Total | 303 | 100,00 % |

No que concerne à escolaridade dos sujeitos da amostra, a percentagem maior (28,4%) indica que 86 sujeitos tiveram frequência da faculdade, mas sem conclusão da licenciatura e que 79 (26,10 %) têm uma licenciatura ou grau equivalente (cf. Tabela 5). Em relação ao emprego, 129 sujeitos, número que corresponde à percentagem maior (42,60 %), dizem estar empregados a tempo inteiro e 92 (30,40 %) assumem estar noutra situação de emprego. Por outro lado, 26 sujeitos (8,90%) não estão empregados nem à procura de emprego (cf. Tabela 6). Quanto à sua ocupação, 109 sujeitos são estudantes (36%), 63 (20,8%) são especialistas das atividades intelectuais e científicas, 2 (0,7%) são representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, 36 (11,9%) são técnicos e de profissões de nível intermédio, 9 (3,0%) são técnicos administrativos, 20 (6,6%) são trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores, 2 (0,7%) são agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta, 12 (4%) são trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices, 5 (1,7%) são operadores de instalações de máquinas e trabalhadores de montagem, 15 (5%) são trabalhadores não qualificados e 30 sujeitos (9,9%) optaram por não responder.

Tabela 5. Distribuição dos sujeitos da amostra em função da escolaridade (N=303)

| Escolaridade | Frequência | Percentagem |
|--------------------------|------------|-------------|
| Inferior ao 12º | 36 | 11,90 % |
| 12º Ano | 56 | 18,50 % |
| 12º Ano, mais diploma p. | 12 | 4,00 % |
| Frequência na faculdade | 86 | 28,40 % |
| Licenciatura | 79 | 26,10 % |
| Pós-graduação | 33 | 10,90 % |
| Não respondeu | 1 | ,30 % |
| Total | 303 | 100,00 % |

Tabela 6. Distribuição dos sujeitos da amostra em função da situação de emprego (N=303)

| | Frequência | Percentagem |
|--|------------|-------------|
| Desempregado (a) e não à procura de trabalho | 26 | 8,60% |
| Desempregado (a) à procura de trabalho | 30 | 9,90% |
| Empregado (a) a tempo parcial | 19 | 6,30% |
| Empregado (a) a tempo inteiro | 129 | 42,60% |
| Outro | 92 | 30,40% |
| Não Responde | 7 | 2,30% |
| Total | 303 | 100,00% |

Relativamente à área de residência da amostra, foi utilizada a classificação por NUTS II¹. Podemos verificar que a maioria dos indivíduos é residente na região centro (85,8%), 30 sujeitos (9,90%) residem no Norte, 5 (1,7%) na área metropolitana de Lisboa, 1 (0,3%) no Alentejo, 3 (1%) no Algarve, 2 (0,7%) na RA dos Açores e 2 sujeitos (0,7%) não responderam (cf. Tabela 7).

Tabela 7. Distribuição da amostra por área de residência. (N=303)

| | Frequência | Percentagem |
|------------------------------|------------|-------------|
| Norte | 30 | 9,9% |
| Centro | 260 | 85,8% |
| Área Metropolitana de Lisboa | 5 | 1,7% |
| Alentejo | 1 | ,3% |
| Algarve | 3 | 1,0% |
| RA. Dos Açores | 2 | ,7% |
| Não respondeu | 2 | ,7% |
| Total | 303 | 100,00% |

Em relação ao estatuto marital, 167 indivíduos (55,10%), a maioria, são solteiros, 91 (30%) são casados (as) e a viver com o cônjuge, 1 (0,3%) é casado (a) mas a viver com alguém sem ser o cônjuge, 24 (7,9%) estão numa

¹ NUTS II – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

união consensual, 2 (0,7%) são separados (ainda casados) mas não coabitam com o cônjuge, 11 (3,6%) são divorciados (as), 6 (2%) são viúvos (as), e 1 (0,3%) não respondeu. Dos sujeitos inquiridos, 253 (83,5%) mantêm ou já mantiveram um relacionamento amoroso com duração superior a 6 meses, contrastando com 50 (16,5%), que não mantêm, nem mantiveram um relacionamento com duração superior a 6 meses. Atualmente, 206 (68%) sujeitos mantêm um relacionamento, contrastando com 96 (31,7%) que não o relatam e 1 (0,3%) que optou por não responder (cf. Tabela 8). A média do tempo de relacionamento dos sujeitos que responderam à pergunta situa-se nos 137,46 meses, sendo o mínimo de 2 meses e o máximo de 516 (cf. Tabela 9.) Para as análises da Confiança Interpessoal no Par Amoroso foram considerados os 182 sujeitos que mantêm um relacionamento com duração igual ou superior a seis meses.

Tabela 8. Descrição do estatuto marital da amostra e resposta a estar numa relação atualmente (N=303)

| | Frequência | Percentagem |
|--|------------|-------------|
| Casado (a) e a viver com o cônjuge | 91 | 30,0% |
| Casado (a) mas a vive com alguém sem ser o cônjuge | 1 | ,3% |
| União consensual | 24 | 7,9% |
| Separado (casado (a) mas não a viver com o cônjuge | 2 | ,7% |
| Divorciado (a) | 11 | 3,6% |
| Viúvo (a) | 6 | 2,0% |
| Solteiro (nunca casado) | 167 | 55,1% |
| Não respondeu | 1 | ,3% |
| Total | 303 | 100,00% |
| Mantêm um relacionamento atualmente? | | |
| Sim | 206 | 68,0% |
| Não | 96 | 31,7% |
| Não Respondeu | 1 | ,3% |
| Total | 303 | 100,00% |

Tabela 9. Tempo de permanência (em meses) no relacionamento (N=182)

| N | |
|---------|--------|
| Média | 137,46 |
| DP | 9,73 |
| Mediana | 72,00 |
| Moda | 36 |
| Minímo | 2 |
| Máximo | 516 |

2. Instrumentos e procedimentos de investigação adotados

Na recolha de dados foi inicialmente administrado um questionário sociobiográfico e os seguintes instrumentos: duas versões da adaptação portuguesa da “*Rotenberg’s Specific Trust-Scale-Adults*”, cujo objetivo é

verificar a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, seguido da adaptação portuguesa das Escalas de Bem-Estar Psicológico de Carol Ryff.

2.1. Questionário Sociobiográfico

O Questionário Sociobiográfico (cf. Anexo II) foi criado a partir de um modelo de Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008). Inclui questões acerca de dados pessoais do sujeito (data de nascimento, sexo, nacionalidade, educação, situação profissional, estatuto marital, local de residência). Visa ainda dar uma alusão ao contexto em que o sujeito viveu com referência a informação sobre os pais (área de residência, naturalidade, nacionalidade, escolaridade e profissão). Na versão aqui utilizada, é também solicitado aos sujeitos que indiquem se mantêm um relacionamento amoroso, e há quanto tempo. Por último, é pedido que assinalem se têm problemas ou dificuldades, nomeadamente distúrbios alimentares, depressão, ansiedade, álcool, tabaco, outras drogas, e problemas vários.

2.2. Adaptação Portuguesa da “Rotenberg’s Specific Trust Scale-Adults”

A escala original de Rotenberg (2013) foi inspirada na *The Specific Interpersonal Trust Scale (SIT)* de Johnson-George e Swap (1982). A escala SIT apresentou índices de consistência interna aceitáveis, através do cálculo do Alfa de Cronback (.71-.83; Johnson-George & Swap). No presente estudo, foi utilizada a adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg’s Specific Trust Scale-Adults*; Rotenberg 2013), da autoria de Vale - Dias e Franco - Borges (2014), que visa, em duas versões, medir a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso através de 10 itens. Estes 10 itens implicam juízos sobre a confiança que indivíduos adultos sentem, especificamente no seu Par Amoroso e em relação ao seu Melhor Amigo, numa escala do tipo Likert de 9 pontos (1 – Concordo Totalmente a 9 – Discordo Totalmente) e quanto menor for o número de pontuação total, maior a confiança sentida pelos indivíduos.

2.3. Escalas de Bem-estar Psicológico

As Escalas de Bem-estar Psicológico pretendem avaliar a componente de Bem-Estar Psicológico dos sujeitos, considerando diversas dimensões. No presente estudo utilizou-se a versão portuguesa das Escalas de Bem-Estar Psicológico de Carol Ryff (1989b), cuja adaptação é da autoria de Ferreira e Simões (1999) (cf. Anexo III). O instrumento contém seis escalas representativas das dimensões do funcionamento psicológico positivo: Relações Positivas com os Outros, Sentido de Vida, Aceitação Pessoal, Domínio do Ambiente, Crescimento Pessoal e Autonomia. Na sua totalidade o instrumento contém 84 itens (14 itens da escala Relações Positivas com os Outros, 14 itens da escala Sentido de Vida, 13 itens da escala Aceitação

Pessoal, 14 itens da escala Domínio do Ambiente, 14 itens da escala Crescimento Pessoal e 15 itens da escala Autonomia), que são cotados numa escala de tipo *Likert* com seis pontos [(1) *Completamente em desacordo*; (2) *Moderadamente em desacordo*; (3) *Ligeiramente em Desacordo*; (4) *Ligeiramente de acordo*; (5) *Moderadamente de acordo*; (6) *Completamente de acordo*]. No que concerne aos parâmetros de interpretação dos resultados, é efetuado um somatório dos itens pertencentes a cada uma das escalas, sendo que quanto mais elevada for a pontuação obtida em cada escala melhor será o funcionamento psicológico do sujeito. Após se realizar a análise das características psicométricas das escalas, nomeadamente a análise da consistência interna, confirmou-se que o instrumento apresenta níveis de fiabilidade muito elevados (cf. Anexo IV) para a comparação entre os resultados obtidos no presente estudo com os resultados obtidos pela adaptação portuguesa de Ferreira e Simões, 1999).

3. Procedimento

A recolha de dados iniciou-se em Maio e terminou em Dezembro de 2015. O pedido de colaboração na investigação foi feito na maioria das vezes pessoalmente e em contato com os indivíduos. Foi pedido a cada sujeito que assina-se o consentimento informado para que tivessem conhecimento do estudo no qual estariam a participar de forma voluntária e seguidamente respondiam ao protocolo. Foi garantido previamente o anonimato e a confidencialidade dos dados e resultados, podendo ser opção dos sujeitos a desistência em qualquer momento do preenchimento do protocolo.

3.1. Procedimentos estatísticos

O tratamento estatístico dos dados recolhidos foi feito recorrendo a versão 2.0 do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) para *Windows*. As análises primeiramente efetuadas foram já apresentadas anteriormente e pretendiam determinar as características dos sujeitos que compõem a amostra e respeitam a estatísticas descritivas, nomeadamente a Medidas de Tendência Central, onde se inclui a Média (M) e a Mediana (Md); a Medidas de Dispersão (Desvio Padrão – DP), e a Medidas de Frequência, representadas pelas Frequências Absolutas (nº) e Relativas (%), o valor Mínimo (Xmin.) e o valor Máximo (Xmáx), consoante o que se pretende estudar.

Inicialmente, foram analisados os *missing values* (não respostas), segundo o critério de Bryman e Cramer (1993) que sugerem que as não respostas que ultrapassem os 10% por caso devem ser eliminadas. Na amostra o padrão de não respostas é aleatório.

Na análise de relações entre variáveis recorreremos ao cálculo de correlações e para testar diferenças entre grupos comparámos as médias obtidas em cada grupo.

Para assegurar a estabilidade dos resultados das escalas, procedeu-se à análise da consistência interna de todas as escalas pelo indicador de alfa de

Cronbach. No que diz respeito à adaptação da “*Rotenberg’s Specific Trust Scale-Adults*” foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória assim como foi verificada a fiabilidade da escala através do Alfa de Cronbach.

IV - Resultados

Em relação à análise dos dados, é esperado que esta permita a concretização dos objetivos e teste das hipóteses anteriormente delineados para a investigação. Inicialmente, realizaram-se análises fatoriais para analisar os instrumentos relativos à Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso. Foi aplicado o teste Kolmogorov-Smirnov (cf. Anexo V), de forma a testar a normalidade das distribuições amostrais de todas as variáveis em estudo, tendo os resultados conduzido à rejeição da hipótese nula, logo as variáveis não seguem uma distribuição normal, e consequentemente são realizados testes não paramétricos.

Para testar as primeiras hipóteses (1, 2, 3, 4, 5 e 6), foram realizados testes de *Mann-Whitney U* para correspondentes não paramétricos de forma a verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre uma variável independente com duas categorias e uma variável dependente numérica, para amostras independentes. Na maioria das análises, utilizou-se o teste *Kruskal-Wallis*, um método não paramétrico usado para testar se um conjunto de amostras provêm da mesma distribuição, sendo uma extensão do *Teste de Mann-Whitney U* para mais de duas amostras. Para a interpretação dos valores decorrentes deste procedimento, atendeu-se ao resultado do valor de *P* para igualdade de variâncias.

Em relação às restantes hipóteses (7, 8, 9 e 10), foram realizadas correlações com o coeficiente de *Spearman*, um teste de correlação não paramétrico, visto tratar-se de variáveis que não seguiam uma distribuição normal. Para a interpretação dos valores decorrentes da correlação, atendeu-se ao valor de *P* para a igualdade de variâncias e ao (*r*) do coeficiente de *Spearman* para analisar o grau de correlação. Segundo Pestana e Gajeiro (2000) “por convenção, sugere-se que, ($r < ,2$) indica uma associação muito baixa; - entre ($,2$ e $,3$) baixa; - entre ($,4$ e $,69$) moderada; - entre ($,7$ e $,89$) alta e entre ($,9$ e 1) uma associação muito alta”.

1. Adaptação portuguesa da *Rotenberg’s Specific Trust Scale-Adults*

1.1. Análise Fatorial Exploratória da Escala de Confiança Interpessoal no Melhor Amigo

O contributo para a adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg’s Specific Trust Scale-Adults*, Rotenberg, 2013), da autoria de Vale – Dias e Franco – Borges (2014), foi realizado a partir de uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), para analisar o padrão de correlações agrupando as suas variáveis em fatores. As autoras da adaptação, de acordo

com a versão original, propõem a existência de dois fatores: *emocional e fidelidade*. Procedeu-se ao estudo do pressuposto da medida de adequação da amostra através do Kaiser-Meyer-Olkin (.935) e do Teste de Esfericidade de Bartlett ($p=,000$), sendo possível constatar que se rejeita a hipótese nula, ou seja, as variáveis são correlacionáveis ($p <,05$), indicando um bom ajustamento da amostra à realização da AFE (Tabela 10).

Tabela 10. KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett (ECI)

| Kaiser – Meyer – Olkin | Teste de Bartlett (Sig.) |
|------------------------|--------------------------|
| ,935 | ,000 |

Em seguida foi testada a fidelidade da Escala de Confiança Interpessoal no Melhor Amigo a partir do Alfa de Cronbach, tendo esta obtido um resultado considerado bom ($\alpha =,850$). Este índice foi novamente calculado após a realização da Análise Fatorial Exploratória (análise explicada em seguida), que propôs a remoção de dois itens (1 e 4), ficando assim com um resultado ($\alpha =,947$), valor considerado excelente e que superou os valores obtidos pelo estudo original (relatados na descrição do instrumento) (Tabelas 11 e 12).

Tabela 11. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal no Melhor Amigo

| Alpha de Cronbach | Itens Removidos | Nº de Itens |
|-------------------|-----------------|-------------|
| ,850 | 0 | 10 |
| ,947 | 2 | 8 |

Tabela 12. Valores do Alfa de Cronbach para os 8 itens da Escala de Confiança Interpessoal no Melhor Amigo

| Item | A |
|--|------|
| 2. Eu posso falar livremente com (A) e sei que me escutará. | ,941 |
| 3. (A) nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros. | ,945 |
| 5. Posso confiar em (A) e sei que quererá sempre ouvir-me. | ,934 |
| 6. Se contar a (A) o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas ou supérfluas. | ,942 |
| 7. Se (A) não puder encontrar-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu. | ,939 |
| 8. Se (A) me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido. | ,936 |
| 9. Se decidirmos encontrarmo-nos nalgum sítio para almoçar, tenho certeza que (A) lá estará. | ,938 |
| 10. Se (A) ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso. | ,945 |

Foi utilizado o método de extração *Principal Axis Factoring* devido aos fatores serem correlacionáveis, sendo que o valor de correlação entre os fatores é (.791). O método de rotação utilizado foi a oblíqua *Promax*, visto que a distribuição não é normal para as respostas aos itens da escala, segundo os resultados (*Kolmogorov - Smirnov Z* (3,778), $p=,000$). Na Tabela 13 podem

verificar-se os valores de saturação de cada item para cada um dos fatores.

Após a extração de fatores foi-nos possível confirmar que os itens 2, 3, 5, 6, 7 e 8 pertencem ao fator *emocional* e, os itens 9 e 10 pertencem ao fator *fidelidade*.

Tabela 13. Sumário de itens e fatores com rotação oblíqua *Promax*.

| Item | Fator | | h2 |
|--|-------|-------|------|
| | 1 | 2 | |
| 2. Eu posso falar livremente com (A) e sei que me escutará | ,856 | -,030 | ,694 |
| 3. (A) nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros. | ,798 | -,022 | ,610 |
| 5. Posso confiar em (A) e sei que quererá sempre ouvir-me. | ,841 | ,114 | ,873 |
| 6. Se contar a (A) o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas ou supérfluas | ,791 | ,036 | ,671 |
| 7. Se (A) não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu. | ,646 | ,242 | ,723 |
| 8. Se (A) me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido. | ,703 | ,221 | ,790 |
| 9. Se decidirmos encontrarmo-nos nalgum sítio para almoçar, tenho certeza que (A) lá estará. | ,308 | ,643 | ,822 |
| 10. Se (A) ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso. | -,084 | ,964 | ,808 |

Para avaliar a fiabilidade da escala, nomeadamente a sua consistência interna para cada fator, procedeu-se ao cálculo do *Alfa de Cronbach*. O valor encontrado para o fator emocional é considerado excelente ($\alpha=,905$) e para o fator *fidelidade* o valor é considerado bom ($\alpha=,883$). Quando calculado o valor de alfa para a Escala Completa, este assume, como vimos, um valor considerado excelente ($\alpha=,947$).

É ainda de referir que, após a realização da Análise Fatorial Exploratória, através do método de extração *Principal Axis Factoring*, com rotação oblíqua *Promax* para dois componentes, o total de variância explicada pelo primeiro componente é cerca de 70,56%, sendo 4,30% explicada pelo segundo componente. A variância total explicada é de 74,87% (Tabela 14).

Tabela 14. Total de Variância Explicada (Método de Extração: Fatores Principais) (ECI)

| | Total | % De Variância | % Acumulada |
|---|-------|----------------|-------------|
| 1 | 5,64 | 70,569 % | 70,569 % |
| 2 | ,345 | 4,309 % | 74,877 % |

Os resultados obtidos nesta AFE vão de encontro ao que foi proposto pelas autoras, sendo que os itens 2, 3, 5, 6, 7 e 8 saturam acima de ($,5$) no fator *emocional*, e os itens 9 e 10 saturam acima de ($,5$) no fator *fidelidade*.

1.2. Análise Fatorial Exploratória da Escala de Confiança Interpessoal no Par Amoroso

Tendo ainda em consideração o objetivo de contribuir para a adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*, Rotenberg, 2013; adaptação Portuguesa: Vale – Dias e Franco – Borges, 2014), foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), para analisar o padrão de correlações para agrupar as suas variáveis em fatores. Tal como no caso da versão já analisada, as autoras da adaptação propõem a existência de dois fatores: *emocional* e *fidelidade*. Procedeu-se ao estudo do pressuposto da medida de adequação da amostra através do Kaiser-Meyer-Olkin ($\lambda = ,950$) e do Teste de Esfericidade de Bartlett ($p = ,000$), rejeitando a hipótese nula, ou seja, as variáveis são correlacionáveis ($p < ,05$), indicando um bom ajustamento da amostra na realização da AFE (Tabela 15).

Tabela 15. KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett (ECI)

| Kaiser – Meyer – Olkin | Teste de Bartlett (Sig.) |
|------------------------|--------------------------|
| ,950 | ,000 |

Em seguida foi testada a fidelidade da Escala de Confiança Interpessoal no Par Amoroso a partir do *Alfa de Cronbach*, tendo esta obtido um resultado considerado excelente ($\alpha = ,907$). Após a realização da Análise Fatorial Exploratória (explicada em seguida), que propôs a remoção de dois itens (1 e 4), calculou-se novamente o alfa ($\alpha = ,977$), sendo o valor considerado excelente, superando os valores obtidos pelo estudo original (relatados anteriormente na descrição do instrumento) (Tabelas 16 e 17).

Tabela 16. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal no Par Amoroso

| Alpha de Cronbach | Itens Removidos | Nº de Itens |
|-------------------|-----------------|-------------|
| ,907 | 0 | 10 |
| ,977 | 2 | 8 |

Tabela 17. Valores do Alfa de Cronbach para os 8 itens da Escala de Confiança Interpessoal no Melhor Amigo

| Item | A |
|--|------|
| 2. Eu posso falar livremente com (A) e sei que me escutará | ,973 |
| 3. (A) nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros. | ,975 |
| 5. Posso confiar em (A) e sei que quererá sempre ouvir-me. | ,974 |
| 6. Se contar a (A) o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas ou supérfluas. | ,975 |
| 7. Se (A) não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu. | ,971 |
| 8. Se (A) me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido. | ,971 |
| 9. Se decidirmos encontrarmo-nos nalgum sítio para almoçar, tenho certeza que (A) lá estará. | ,971 |
| 10. Se (A) ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso. | ,977 |

Foi utilizado o método de extração *Principal Axis Factoring* devido aos fatores serem correlacionáveis, sendo que o valor de correlação entre os fatores é ($\alpha=,857$). O método de rotação utilizado foi a oblíqua *Promax*, visto que a distribuição não é normal para as respostas aos itens da escala segundo os resultados (*Kolmogorov - Smirnov Z* (3,502), $p=,000$). Na Tabela 18 podem verificar-se os valores de saturação de cada item para cada um dos fatores.

Após a extração de fatores foi-nos possível confirmar que os itens 2, 3, 5 e 6 pertencem ao fator *emocional* e que os itens 7, 8, 9 e 10 pertencem ao fator *fidelidade*.

Tabela 18. Sumário de itens e fatores com rotação oblíqua *Promax*.

| Item | Fator | | h2 |
|--|-------|------|------|
| | 1 | 2 | |
| 2. Eu posso falar livremente com (A) e sei que me escutará. | ,837 | ,128 | ,900 |
| 3. (A) nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros | ,803 | ,117 | ,818 |
| 5. Posso confiar em (A) e sei que quererá sempre ouvir-me. | ,716 | ,221 | ,831 |
| 6. Se contar a (A) o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas ou supérfluas. | ,626 | ,296 | ,798 |
| 7. Se (A) não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu. | ,476 | ,518 | ,918 |
| 8. Se (A) me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido. | ,255 | ,742 | ,942 |
| 9. Se decidirmos encontrarmo-nos nalgum sítio para almoçar, tenho certeza que (A) lá estará. | ,345 | ,654 | ,934 |
| 10. Se (A) ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso. | -,044 | ,846 | ,781 |

Para avaliar a fiabilidade da escala, nomeadamente a sua consistência interna para os fatores, procedeu-se ao cálculo do *Alfa de Cronbach*. Os

valores encontrados para o fator *emocional* ($\alpha=,952$) e para o fator *fidelidade* ($\alpha=,967$) são ambos considerados excelentes. Quando calculado o valor de alfa para a Escala Completa, este assume um valor ($\alpha=,977$) considerado excelente.

Podemos ainda mencionar que, após a realização da Análise Fatorial Exploratória, através do método de extração *Principal Axis Factoring*, com rotação oblíqua *Promax* para dois componentes, o total de variância explicada pelo primeiro componente é cerca de 84,50%, e que 2,03% é explicada pelo segundo componente. A variância total explicada é de 86,53% (Tabela 19).

Tabela 19. Total de Variância Explicada (Método de Extração: Fatores Principais) (ECI)

| | Total | % De Variância | % Acumulada |
|---|-------|----------------|-------------|
| 1 | 6,76 | 84,508 % | 84,508 % |
| 2 | ,162 | 2,027 % | 86,535 % |

Os resultados obtidos nesta AFE vão de encontro ao que foi proposto pelas autoras, sendo que os itens 2, 3, 5 e 6 saturam acima de ($,5$) no fator *emocional* e os itens 7, 8, 9 e 10 saturam acima de ($,5$) no fator *fidelidade*.

2. Diferenças entre médias

2.1. O papel do género na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores e no Bem-Estar Psicológico

Hipótese 1: *Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao género.*

Considerando os valores apresentados pelo teste não paramétrico *Mann-Whitney U* (Tabela 20), na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, as médias correspondentes ao sexo masculino ($M=60,59$) e ao sexo feminino ($M=63,93$) revelam que o sexo feminino apresenta uma média de Confiança Interpessoal no Melhor Amigo superior à do sexo masculino. Relativamente aos fatores emocional e fidelidade, o sexo feminino apresenta novamente em ambos uma média superior à do sexo masculino. Assim, para o fator emocional, o sexo feminino apresenta ($M=47,88$) e o sexo masculino ($M=45,15$); no fator fidelidade, a média do sexo feminino é ($M=16,02$) e a do sexo masculino ($M=15,46$). Ao analisar o valor de significância do teste utilizado, P é sempre significativo, quer na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($p=,002$), quer no fator emocional ($p=,001$) e no fator fidelidade ($p=,016$), logo, nas três análises, o género tem um papel significativo na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e nos respetivos fatores.

Analisando os resultados da Confiança Interpessoal no Par Amoroso, verificamos que o sexo masculino apresenta ($M=63,17$) e o sexo feminino ($M=62,98$). Analisando o resultado do teste *Mann-Whitney U* (Tabela 20) para a Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($p=,995$), verifica-se, no entanto,

que as diferenças não são significativas. Relativamente aos fatores, a média dos sexos também não difere: no fator emocional, (M=31,46) corresponde ao sexo masculino e (M=31,24) ao sexo feminino; no fator fidelidade, (M=31,56) é apresentada pelo masculino e (M=31,74) pelo sexo feminino. Atendendo aos valores de *P* para os fatores emocional ($p=,988$) e fidelidade ($p=,705$), aceitamos a hipótese nula, de que as variâncias são homogêneas, logo a pertença a um dos sexos não tem um papel significativo na Confiança Interpessoal no Par Amoroso nem nos respetivos fatores.

No que concerne ao Bem-estar Psicológico, a média do sexo feminino (M=375,85) é superior à do sexo masculino (M=366,24), no entanto olhando para o nível de significância ($p=,312$), podemos concluir que aceitamos igualmente a hipótese nula de que as variâncias são iguais e portanto, o sexo não tem um papel significativo no Bem-Estar Psicológico.

Tabela 20. O papel do género na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e no Bem-Estar Psicológico (Mann-Whitney U)

| | Sexo | Média | DP | U | P |
|--|------|--------|-------|---------|-------------|
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo | M | 60,59 | 11,78 | 7393,50 | ,002 |
| | F | 63,93 | 11,64 | | |
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo: Fator Emocional | M | 45,15 | 9,18 | 7281,50 | ,001 |
| | F | 47,88 | 8,94 | | |
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo: Fator Fidelidade | M | 15,46 | 3,07 | 8171,00 | ,016 |
| | F | 16,02 | 3,17 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso | M | 63,17 | 14,49 | 3735,50 | ,995 |
| | F | 62,98 | 13,74 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso: Fator Emocional | M | 31,46 | 7,29 | 3732,50 | ,998 |
| | F | 31,24 | 7,01 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso: Fator Fidelidade | M | 31,56 | 7,39 | 3708,00 | ,705 |
| | F | 31,74 | 7,03 | | |
| Bem-Estar Psicológico | M | 366,24 | 68,79 | 5885,50 | ,312 |
| | F | 375,85 | 60,92 | | |

2.2. O papel dos principais problemas ou dificuldades na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e no Bem-Estar Psicológico

Hipótese 2: Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo aos principais problemas de vida ou dificuldades relatados.

Os principais problemas são definidos a partir dos que foram assinalados pelos sujeitos no final do questionário sociobiográfico. Para a análise do seu papel, serão considerados os que obtiveram no total da amostra (N=303), uma maior taxa de resposta positiva – Depressão (M=25,7%), Ansiedade (M=48,8%), Stress (M=45,9%), Tabaco (M=34,7%), Relações Amorosas (M=29%), Baixa Auto-estima (M=25,1%), Profissão (M=25,7%) e

de Ordem Familiar (M =29,4%).

Considerando os valores apresentados pelo teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* (Tabela 21) para os principais problemas (Depressão, Ansiedade, Stress, Tabaco, Relações Amorosas, Baixa Auto-estima, Profissão e de Ordem Familiar), observamos o grau de significância para a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo (p=,034), para a Confiança Interpessoal no Par Amoroso (p=,016) e para o Bem-Estar Psicológico (p=,000) e concluímos que os principais problemas têm um papel estatisticamente significativo nas variáveis em análise.

Tabela 21. O papel dos problemas ou dificuldades na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e no Bem-Estar Psicológico (*Kruskal-Wallis*)

| | P/D | Média | DP | χ^2 | P |
|--|-------------------|--------|-------|----------|-------------|
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo | Depressão | 64,00 | 10,44 | 11,32 | ,034 |
| | Ansiedade | 65,05 | 9,81 | | |
| | Stresse | 64,40 | 11,15 | | |
| | Tabaco | 60,57 | 15,25 | | |
| | Relações Amorosas | 59,93 | 15,18 | | |
| | Baixa Auto-Estima | 59,24 | 13,49 | | |
| | Profissão | 58,92 | 9,53 | | |
| | Ordem Familiar | 56,00 | 11,87 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso | Depressão | 62,59 | 14,43 | 36,58 | ,016 |
| | Ansiedade | 62,71 | 13,95 | | |
| | Stresse | 67,31 | 7,55 | | |
| | Tabaco | 61,20 | 17,08 | | |
| | Relações Amorosas | 55,67 | 23,21 | | |
| | Baixa Auto-Estima | 60,00 | 10,87 | | |
| | Profissão | 58,75 | 9,58 | | |
| | Ordem Familiar | 50,67 | 24,21 | | |
| Bem-Estar Psicológico | Depressão | 385,69 | 57,18 | 283,86 | ,000 |
| | Ansiedade | 394,09 | 54,81 | | |
| | Stresse | 384,83 | 46,18 | | |
| | Tabaco | 362,45 | 70,21 | | |
| | Relações Amorosas | 355,42 | 76,23 | | |
| | Baixa Auto-Estima | 351,00 | 46,51 | | |
| | Profissão | 283,64 | 54,40 | | |
| | Ordem Familiar | 283,86 | 55,07 | | |

2.3. O papel dos grupos de idade na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e no Bem-Estar Psicológico

Hipótese 3. *Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo aos grupos de idade.*

Para analisar esta hipótese, foram considerados três grupos de idade:

adultos emergentes (18-24 anos de idade), jovens adultos (25-44) e adultos de meia-idade (45-65), de acordo com as etapas frequentemente definidas com base na literatura sobre o desenvolvimento humano.

Considerando os valores apresentados pelo teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* (Tabela 22), para avaliar o efeito das etapas de idade na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, verificamos que a média mais alta corresponde ao grupo dos adultos emergentes ($M=64,20$), seguindo-se os jovens adultos ($M=62,22$) e, por último, o grupo de adultos de meia-idade ($M=60,96$). Num primeiro momento, podemos considerar que, à medida que a idade avança, diminui a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo. No entanto, em relação ao valor de significância ($p=,960$), aceita-se a hipótese nula, de que as variâncias são homogêneas, e a idade não tem um papel significativo na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo. Relativamente aos fatores, no fator emocional, a média correspondente aos adultos emergentes é ($M=48,34$), aos jovens adultos é ($M=46,31$) e aos adultos de meia-idade é ($M=45,75$), enquanto no fator fidelidade, a média correspondente aos adultos emergentes é ($M=16,22$), aos jovens adultos é ($M=15,91$) e aos adultos de meia-idade é ($M=15,20$). Considerando os valores de significância para o fator emocional ($p=,062$) e para o fator fidelidade ($p=,105$) aceitamos a hipótese nula, de que a idade não tem um papel significativo nos fatores emocional e fidelidade.

No que concerne à Confiança Interpessoal no Par Amoroso, a média referente aos adultos emergentes e aos jovens adultos é semelhante ($M=65,58$ e $M=65,42$, respetivamente) e bastante mais baixa no grupo de adultos de meia-idade ($M=58,36$); apesar disto, considerando o nível de significância ($p=,114$), podemos concluir que aceitamos a hipótese nula, de que as variâncias são homogêneas e, por isso, a idade não tem um papel significativo na Confiança Interpessoal no Par Amoroso. Relativamente aos fatores, no fator emocional a média correspondente aos adultos emergentes ($M=32,35$), aos jovens adultos ($M=32,60$) e aos adultos de meia-idade ($M=29,06$) não é distante nos três grupos; no fator fidelidade, a média correspondente aos adultos emergentes ($M=33,20$), aos jovens adultos ($M=32,81$) e aos adultos de meia-idade ($M=29,17$) revela diferenças ligeiras entre os três grupos. Considerando o valor de significância para o fator emocional ($p=,054$), aceitamos a hipótese nula de que existe igualdade de variâncias e, portanto, a idade não tem um papel significativo no fator emocional; por outro lado, no fator fidelidade ($p=,031$), rejeitamos a hipótese nula e assumimos a hipótese alternativa, de que não há igualdade de variâncias e, por isso, a idade tem um papel significativo neste fator, verificando-se que as médias diminuem com a idade.

No Bem-estar Psicológico, a média correspondente aos adultos emergentes ($M=385,10$) é superior à dos restantes grupos de idade, os jovens adultos ($M=371,33$) e os adultos de meia-idade ($M=372,82$). Num primeiro momento podemos considerar que a pertença ao grupo de adultos emergentes favorece mais o Bem-Estar Psicológico. Considerando o nível de significância ($p=,020$), podemos concluir que rejeitamos a hipótese nula e aceitamos a

hipótese alternativa de que as variâncias não são homogêneas. Podemos concluir, então, que a idade tem um papel significativo no Bem-Estar Psicológico.

Tabela 22. O papel dos grupos de idade na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e no Bem-Estar Psicológico (Kruskal-Wallis)

| | Grupos de idade | Média | DP | χ^2 | P |
|--|-----------------|--------|-------|----------|------|
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo | 18 – 24 | 64,60 | 11,31 | 4,69 | ,096 |
| | 25 – 44 | 62,22 | 11,83 | | |
| | 45 – 65 | 60,96 | 12,28 | | |
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo: Fator Emocional | 18 – 24 | 48,34 | 6,42 | 5,57 | ,062 |
| | 25 – 44 | 46,31 | 5,93 | | |
| | 45 – 65 | 45,75 | 6,05 | | |
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo: Fator Fidelidade | 18 – 24 | 16,22 | 2,92 | 4,51 | ,105 |
| | 25 – 44 | 15,91 | 3,12 | | |
| | 45 – 65 | 15,20 | 3,45 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso | 18 – 24 | 65,58 | 9,93 | 4,34 | ,114 |
| | 25 – 44 | 65,42 | 11,09 | | |
| | 45 – 65 | 58,36 | 18,21 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso: Fator Emocional | 18 – 24 | 32,35 | 5,95 | 5,83 | ,054 |
| | 25 – 44 | 32,60 | 5,43 | | |
| | 45 – 65 | 22,06 | 8,94 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso: Fator Fidelidade | 18 – 24 | 33,20 | 4,36 | 6,98 | ,031 |
| | 25 – 44 | 32,81 | 5,99 | | |
| | 45 – 65 | 29,17 | 9,35 | | |
| Bem-Estar Psicológico | 18 – 24 | 385,19 | 52,57 | 7,80 | ,020 |
| | 25 – 44 | 371,33 | 71,58 | | |
| | 45 – 65 | 372,82 | 67,16 | | |

2.4. O papel do estatuto socioeconómico na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores e no Bem-Estar Psicológico

Hipótese 4. *Existem diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores, assim como no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao estatuto socioeconómico.*

Analisando os resultados do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* (Tabela 23), podemos verificar que na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, a média mais elevada é no estatuto socioeconómico elevado (M=65,22), seguida do estatuto socioeconómico baixo (M=64,76) e, por fim, do nível socioeconómico médio (M=61,67). Em relação à significância (p=,048), rejeitamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa de que as variâncias não são homogêneas, e portanto o estatuto socioeconómico tem

um papel significativo na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo. Em relação aos fatores, podemos ver na mesma Tabela 23, para o fator emocional, a média do estatuto socioeconómico baixo ($M=46,96$), do estatuto socioeconómico médio ($M=45,99$) e do estatuto socioeconómico alto ($M=48,85$). No que concerne ao fator fidelidade, podemos observar as médias para o estatuto socioeconómico baixo ($M=15,79$), o estatuto socioeconómico médio ($M=15,70$) e o estatuto socioeconómico alto ($M=16,36$). Relativamente ao valor de significância para o fator emocional ($p=,060$) e para o fator fidelidade ($p=,130$) aceitamos a hipótese nula de que o estatuto socioeconómico não tem um papel significativo nos supramencionados fatores.

Em relação à Confiança Interpessoal no Par Amoroso, as médias do estatuto socioeconómico baixo ($M=64,43$), do estatuto socioeconómico médio ($M=60,44$) e do estatuto socioeconómico alto ($M=65,31$) diferem ligeiramente; porém, analisando o nível de significância ($p=,319$), aceitamos a hipótese nula, de que as variâncias são homogêneas, logo o estatuto socioeconómico não tem um papel significativo na Confiança Interpessoal no Par Amoroso. Em relação aos fatores, na mesma Tabela 23, podemos verificar, para o fator emocional, a média do estatuto socioeconómico baixo ($M=32,13$), do estatuto socioeconómico médio ($M=30,14$) e do estatuto socioeconómico alto ($M=32,36$). Relativamente ao fator fidelidade, apresentam-se também as médias do estatuto socioeconómico baixo ($M=32,08$), do estatuto socioeconómico médio ($M=30,30$) e do estatuto socioeconómico alto ($M=32,93$). Analisando o valor de significância para o fator emocional ($p=,277$) e para o fator fidelidade ($p=,275$), aceitamos a hipótese nula e a igualdade de variâncias, portanto o estatuto socioeconómico não tem um papel significativo nos fatores da Confiança Interpessoal no Par Amoroso.

No que se refere ao Bem-Estar Psicológico, tendo em conta as médias no estatuto socioeconómico baixo ($M=358,65$), no estatuto socioeconómico médio ($M=376,21$) e no estatuto socioeconómico alto ($M=396,33$), podemos verificar que a média vai aumentando conforme o estatuto (Tabela 23). Analisando o nível de significância ($p=,006$), ao compararmos os diferentes grupos, verificamos que se rejeita a hipótese nula e aceita-se a hipótese alternativa de que as variâncias não são homogêneas, e que à medida que o estatuto socioeconómico aumenta, o Bem-Estar também aumenta, logo o estatuto socioeconómico tem um papel significativo no Bem-Estar Psicológico.

Tabela 23. O papel do estatuto socioeconómico na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e no Bem-Estar Psicológico (Kruskal-Wallis)

| | Estatuto | Média | DP | χ^2 | P |
|--|----------------|--------|-------|----------|-------------|
| | Socioeconómico | | | | |
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo | Baixo | 64,76 | 10,23 | 6,08 | ,048 |
| | Médio | 61,67 | 13,55 | | |
| | Alto | 65,22 | 11,22 | | |
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo: Fator Emocional | Baixo | 46,96 | 8,37 | 5,62 | ,060 |
| | Médio | 45,99 | 10,19 | | |
| | Alto | 48,85 | 8,42 | | |
| Confiança Interpessoal no Melhor Amigo: Fator Fidelidade | Baixo | 15,79 | 2,83 | 4,08 | ,130 |
| | Médio | 15,70 | 3,50 | | |
| | Alto | 16,36 | 3,04 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso | Baixo | 64,43 | 12,09 | 2,29 | ,319 |
| | Médio | 60,44 | 16,50 | | |
| | Alto | 65,31 | 10,92 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso: Fator Emocional | Baixo | 32,13 | 6,47 | 2,56 | ,277 |
| | Médio | 30,14 | 8,61 | | |
| | Alto | 32,36 | 5,71 | | |
| Confiança Interpessoal no Par Amoroso: Fator Fidelidade | Baixo | 32,08 | 5,90 | 2,58 | ,275 |
| | Médio | 30,30 | 8,61 | | |
| | Alto | 32,93 | 5,63 | | |
| Bem-Estar Psicológico | Baixo | 358,65 | 68,33 | 10,12 | ,006 |
| | Médio | 376,21 | 57,99 | | |
| | Alto | 396,33 | 48,19 | | |

2.5. O papel do grau de escolaridade no Bem-Estar Psicológico

Hipótese 5. Existem diferenças estatisticamente significativas no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao grau de escolaridade.

Analisando os resultados do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*, em relação ao Bem-Estar atendendo ao grau de escolaridade, podemos observar na Tabela 24 a média do grau de escolaridade mais baixo – inferior ao 12º ano (M=339,91), 12º ano (M=362,98), 12º mais diploma profissional (M=377,27), frequência na faculdade, mas sem conclusão da licenciatura (M=381,33), licenciatura ou grau equivalente (M=373,63) e pós-graduação ou equivalente (M=394,69). Verificamos que à medida que a escolaridade aumenta, aumenta também o Bem-Estar Psicológico. No entanto, analisando o nível de significância ($p=,104$), verificamos que se aceita a hipótese nula e, portanto, as variâncias são homogêneas; logo, o grau de escolaridade não tem um papel significativo no Bem-Estar Psicológico.

Tabela 24. Influência do grau de escolaridade no Bem-Estar Psicológico (Kruskal-Wallis)

| | Escolaridade | Média | DP | χ^2 | P |
|-----------------------|-------------------------|--------|-------|----------|------|
| | Inferior ao 12º | 339,91 | 81,94 | 9,14 | |
| | 12º | 362,98 | 68,05 | | |
| Bem-Estar Psicológico | 12º Mais diploma p. | 377,27 | 68,35 | | ,104 |
| | Frequência na faculdade | 381,33 | 58,23 | | |
| | Licenciatura | 373,63 | 60,82 | | |
| | Pós-Graduação | 394,69 | 45,04 | | |

2.6. O papel do estatuto marital no Bem-Estar Psicológico

Hipótese 6. *Existem diferenças estatisticamente significativas no Bem-Estar Psicológico, atendendo ao estatuto marital.*

Analisando os resultados do teste não paramétrico *Kruskal-Wallis* (Tabela 25), em relação ao papel do estatuto marital, a média mais alta regista-se na amostra solteira (M=385,75), seguida da amostra divorciada (M=364,70), casada a viver com o cônjuge (M=363,46), viúva (M=349,00) e, finalmente, não casada mas a viver com alguém (união consensual) (M=339,75). Em relação às restantes médias – casado mas a viver com outra pessoa e separado (M=171,00 e M=307,00, respetivamente), as mesmas caracterizam apenas uma pessoa em toda a amostra, não sendo por isso relevantes. Analisando o nível de significância ($p=,015$), verificamos que se rejeita a hipótese nula e aceita-se a hipótese alternativa, logo o estatuto marital tem um papel significativo no Bem-Estar Psicológico.

Tabela 25. O papel do estatuto marital no Bem-Estar Psicológico (Kruskal-Wallis)

| | Estatuto Marital | Média | DP | χ^2 | P |
|-----------------------|-----------------------|--------|-------|----------|-------------|
| Bem-Estar Psicológico | Casado | 363,46 | 67,69 | 15,81 | ,015 |
| | Casado sem coabitação | 171,00 | - | | |
| | União Consensual | 339,75 | 76,43 | | |
| | Separado | 307,00 | - | | |
| | Divorciado | 364,70 | 65,06 | | |
| | Viúvo | 349,00 | 35,19 | | |
| | Solteiro | 385,75 | 55,11 | | |

3. Relações entre variáveis

3.1. Hipótese 7. *A Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso relacionam-se de forma positiva com as dimensões de bem-estar psicológico.*

O teste utilizado para analisar as correlações entre as variáveis foi o Coeficiente de correlação de *Spearman*, (cf. Anexo VI).

No que diz respeito à associação com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, foram analisadas todas as dimensões do Bem-Estar

Psicológico. Relativamente à dimensão que obteve um coeficiente de correlação mais elevado esta foi a dimensão Relações Positivas ($r=,443^{**}$, $p \leq ,000$); olhando para o grau de significância e para o coeficiente de *Spearman*, a análise indica uma associação moderada mas significativa. Relativamente às restantes dimensões, todas elas apresentam um valor de significância com relevância estatística ($p < 0,05$), logo todas elas são correlações possíveis e significativas. Em relação à dimensão Sentido de Vida ($r=,371^{**}$, $p \leq ,000$), Aceitação Pessoal ($r=,391^{**}$, $p \leq ,000$), Domínio do Ambiente ($r=,361^{**}$, $p \leq ,000$), Crescimento Pessoal ($r=,380$, $p \leq ,000$) e Autonomia ($r=,278^{**}$, $p \leq ,000$), todas elas apresentam correlações baixas, o que significa que a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo se encontra correlacionada de forma positiva e baixa com todas as dimensões do Bem-Estar Psicológico.

No que se refere à Confiança Interpessoal no Par Amoroso foram novamente analisadas todas as dimensões do Bem-Estar Psicológico. Relativamente à dimensão que obteve um coeficiente de correlação mais elevado esta foi a dimensão Relações Positivas ($r=,374^{**}$, $p \leq ,000$); atendendo ao grau de significância e ao coeficiente de *Spearman*, verifica-se a existência de uma associação baixa mas estatisticamente significativa. Quanto às restantes dimensões, todas elas apresentam um valor de significância relevante ($p < 0,05$), logo todas elas são correlações possíveis e significativas. Em relação à dimensão Sentido de Vida ($r=,290^{**}$, $p \leq ,000$), Aceitação Pessoal ($r=,303^{**}$, $p \leq ,000$), Domínio do Ambiente ($r=,359^{**}$, $p \leq ,000$), Crescimento Pessoal ($r=,233$, $p \leq ,002$) e Autonomia ($r=,238^{**}$, $p \leq ,002$), todas elas apresentam associações baixas e significativas, o que indica que a Confiança Interpessoal no Par Amoroso se encontra correlacionada de forma positiva com todas as dimensões do Bem-Estar Psicológico, ainda que a magnitude das associações seja baixa.

3.2. Hipótese 8. O Bem-Estar Psicológico relaciona-se de forma positiva com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e respetivos fatores.

Foi analisada a associação entre o Bem-Estar Psicológico total e a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso e respetivos fatores, através do coeficiente de correlação de *Spearman* (cf. Anexo VII). Analisando as correlações entre o Bem-Estar Psicológico e a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($r=,455^{**}$, $p=,000$), e entre o Bem-Estar Psicológico e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($r=,373^{**}$, $p=,000$), verificamos que ambas são estatisticamente significativas ($p \leq ,05$), sendo a primeira uma correlação moderada e a segunda uma correlação baixa. Logo, ambas as medidas de Confiança Interpessoal se encontram correlacionadas de forma positiva com o Bem-Estar Psicológico, ainda que, com magnitudes de associação diferentes. Relativamente aos fatores, na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, o fator emocional ($r=,426^{**}$, $p=,000$) apresenta uma

correlação significativa, positiva e moderada, enquanto o fator fidelidade ($r=,353^{**}$, $p=,000$) apresenta uma correlação significativa, positiva e baixa. Na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, o fator emocional ($r=,381^{**}$, $p=,000$) e o fator fidelidade ($r=,343^{**}$, $p=,000$) apresentam ambas correlações significativas, positivas e fracas quando relacionados com o Bem-Estar Psicológico.

3.3. Hipótese 9. *Nos diferentes grupos de idade, a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, relaciona-se de forma positiva com as dimensões de Bem-Estar Psicológico.*

Foi analisada a relação entre Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso e as várias dimensões do Bem-Estar, nos diferentes grupos de idade através do coeficiente de correlação de *Spearman* (cf. Anexo VIII).

Na dimensão Relações Positivas, o grupo que apresenta correlações mais altas é o dos adultos emergentes, quer considerando a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($r=,476^{**}$, $p=,000$), quer a Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($r=,474^{**}$, $p=,000$), sendo correlações significativas, positivas e moderadas, contrariamente ao grupo dos adultos de meia-idade, quer na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($r=,341^{**}$, $p=,004$), quer na Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($r=,268^*$, $p=,048$), apresentando correlações positivas baixas embora com significância estatística.

Para a dimensão Sentido de Vida, as correlações mais altas situam-se novamente no grupo dos adultos emergentes, na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($r=,493^*$, $p=,000$) e na Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($r=,303^*$, $p=0,31$), apresentando correlações positivas, de magnitude moderada a baixa, mas significativas. Em relação aos restantes grupos, nos jovens adultos, na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($r=,347^{**}$, $p=,001$) apresenta uma correlação significativa positiva e baixa, o mesmo acontecendo para a Confiança Interpessoal no Par Amoroso e ($r=,293^*$, $p=,023$). No grupo dos adultos de meia-idade, as correlações com ambas as confianças não são significativas, sendo que o Sentido de Vida, neste grupo etário, não se relaciona de modo significativo nem com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo nem no Par Amoroso.

No que diz respeito à dimensão Aceitação Pessoal, os valores mais elevados e significativos registam-se na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, nos adultos emergentes ($r=,458^{**}$, $p=,000$), nos jovens adultos ($r=,398^{**}$, $p=,000$) e nos adultos de meia-idade ($r=,230^*$, $p=,049$), sendo que todos os grupos apresentam correlações significativas. Na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, os resultados não são tão significativos, sendo que no último grupo (adultos de meia-idade) não existe correlação, e nos restantes, as correlações apresentam-se baixas e pouco significativas – adultos emergentes ($r=,352^*$, $p=,010$) e jovens adultos ($r=,334^*$, $p=,010$).

Na dimensão Domínio do Ambiente, considerando a Confiança

Interpessoal no Melhor Amigo, todos os grupos apresentam correlações significativas, mostrando os adultos emergentes ($r=,418^{**}$, $p=,000$) uma correlação positiva moderada, e os jovens adultos ($r=,307^{**}$, $p=,004$) e adultos de meia-idade ($r=,378$, $p=,001$) correlações positivas baixas.

Ainda em relação à dimensão Domínio do Ambiente, na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, o grupo dos adultos emergentes não apresenta correlações significativas, contrariamente aos restantes grupos, jovens adultos ($r=,356^{**}$, $p=,005$) e adultos de meia-idade ($r=,386^{**}$, $p=,003$), que apresentam correlações significativas positivas e baixas.

Relativamente à dimensão Crescimento Pessoal, na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, todos os grupos, adultos emergentes ($r=,383^{**}$, $p=,000$), jovens adultos ($r=,385^{**}$, $p=,000$) e adultos de meia-idade ($r=,310^{**}$, $p=,006$), apresentam correlações baixas e significativas. Em relação à Confiança Interpessoal no Par Amoroso, apenas o grupo dos jovens adultos apresenta correlação significativa positiva mas baixa ($r=,351^{**}$, $p=,006$).

No que concerne à dimensão Autonomia, em ambas as confianças, o grupo dos adultos emergentes não apresenta nenhuma correlação significativa. Os adultos de meia-idade, apenas apresentam correlação, ainda que baixa ($r=,281^*$, $p=,017$) na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo. O grupo dos jovens adultos apresenta uma correlação significativa moderada ($r=,410^{**}$, $p=,000$) na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, e uma correlação significativa positiva e baixa ($r=,387^{**}$, $p=,003$) na Confiança Interpessoal no Par Amoroso.

Relativamente ao Bem-Estar Psicológico, todos os grupos apresentam correlações positivas e significativas com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso. Em ambas as confianças, a correlação mais alta verifica-se nos adultos emergentes na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($r=,519^{**}$, $p=,000$) e na Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($r=,446^*$, $p=,004$). Relativamente aos outros grupos etários, no que respeita à relação entre o Bem-Estar e Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, os jovens adultos ($r=,465^{**}$, $p=,000$) apresentam uma correlação moderada e os adultos de meia-idade ($r=,362^{**}$, $p=,004$) apresentam uma correlação baixa. Na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, no grupo dos jovens adultos ($r=,367^{**}$, $p=,008$) e nos adultos de meia-idade ($r=,337^*$, $p=,022$) as correlações são baixas.

3.4. Hipótese 10. As dimensões de Bem-Estar Psicológico relacionam-se de forma positiva com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, atendendo ao sexo e ao estatuto socioeconómico.

Foi analisada a associação entre a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, e as diferentes dimensões do Bem-Estar Psicológico atendendo ao sexo e ao estatuto socioeconómico, através do coeficiente de correlação de *Spearman* (cf. Anexo IX).

Atendendo ao sexo e nível socioeconómico na dimensão Relações Positivas e no que concerne à associação com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, podemos inferir que o sexo feminino apresenta correlações com significância estatística relevante com todos os níveis, verificando-se no estatuto socioeconómico baixo ($r=,465^{**}$, $p=,001$) uma correlação moderada, no estatuto socioeconómico médio ($r=,395^{**}$, $p=,000$) e no estatuto socioeconómico alto ($r=,387^{**}$, $p=,007$) correlações baixas mas estatisticamente muito significativas. Contrariamente, atendendo ao valor de P, o sexo masculino mostra correlações estatisticamente pouco significativas, sendo que no nível socioeconómico baixo ($r=,387^*$, $p=,046$) e nível socioeconómico médio ($r=,334^*$, $p=,047$) apresenta correlações baixas e no nível socioeconómico alto ($r=,560^*$, $p=,019$) uma correlação moderada. Em relação à Confiança Interpessoal no Par Amoroso e sua associação com as Relações Positivas, o sexo masculino não apresenta correlações significativas em nenhum estatuto socioeconómico, contrariamente ao sexo feminino, que apresenta correlações significativas positivas e moderadas no nível socioeconómico baixo ($r=,496^{**}$, $p=,007$) e nível socioeconómico médio ($r=,433^{**}$, $p=,006$).

Na dimensão Sentido de Vida, não se encontram correlações para a Confiança Interpessoal no Par Amoroso. Atendendo à Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, apenas o sexo feminino apresenta correlações significativas positivas e baixas no nível socioeconómico baixo ($r=,381^{**}$, $p=,005$) e no nível socioeconómico médio ($r=,387^{**}$, $p=,000$).

Relativamente à dimensão Aceitação Pessoal, em ambas as Confianças, o sexo feminino destaca-se do sexo masculino, com correlações significativas, atendendo ao estatuto socioeconómico, sendo que na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, o sexo feminino, no nível socioeconómico baixo ($r=,452^{**}$, $p=,001$) apresenta uma correlação moderada no nível socioeconómico médio ($r=,369^{**}$, $p=,001$) e nível socioeconómico alto ($r=,350^*$, $p=,012$) as correlações são baixas mas significativas. Na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, o sexo feminino apresenta correlações significativas e moderadas no nível socioeconómico alto ($r=,486^{**}$, $p=,005$), no nível socioeconómico baixo ($r=,435^*$, $p=,021$) e no nível socioeconómico médio ($r=,377^*$, $p=,015$) a correlação é baixa. No que diz respeito ao sexo masculino, só se verificam correlações significativas no nível socioeconómico alto ($r=,586^*$, $p=,013$), entre a Aceitação Pessoal e a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo.

Na dimensão Domínio do Ambiente associada à Confiança Interpessoal no Par Amoroso, apenas o sexo feminino apresenta correlações significativas em todos os níveis socioeconómicos: baixo ($r=,396^*$, $p=,045$) e médio ($r=,376^*$, $p=,018$) com correlações baixas e no nível socioeconómico alto ($r=,412^*$, $p=,024$) com uma correlação moderada. Por sua vez, na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, o sexo masculino, apresenta uma correlação significativa moderada, ($r=,527^{**}$, $p=,005$) no nível socioeconómico baixo; já o sexo feminino apresenta correlações significativas e baixas nos níveis

socioeconómico médio ($r=,338^{**}$, $p=,003$) e no nível socioeconómico alto ($r=,285^*$, $p=,047$).

Na dimensão Crescimento Pessoal, considerando a relação com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, o sexo feminino obteve correlação significativa e baixa apenas no nível socioeconómico médio ($r=,346^{**}$, $p=,002$), contrariamente ao sexo masculino que apresenta correlações significativas e moderadas nos níveis socioeconómicos baixo ($r=,553^{**}$, $p=,006$) e alto ($r=,629^*$, $p=,007$) e uma correlação baixa no nível socioeconómico médio ($r=,336^*$, $p=,042$). Na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, apenas o sexo feminino apresenta uma correlação significativa positiva e baixa no nível socioeconómico médio ($r=,322^*$, $p=,040$).

Para a dimensão Autonomia, considerando as relações com ambas as Confianças, no nível socioeconómico baixo não se registam correlações significativas para nenhum dos sexos. No nível socioeconómico médio, o sexo feminino apresenta correlação significativa e baixa ($r=,331^{**}$, $p=,004$) na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, enquanto na Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($r=,465^{**}$, $p=,003$) a correlação é moderada. Considerando o nível socioeconómico alto, o sexo masculino obtém correlação significativa e alta ($r=,725^{**}$, $p=,001$) na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e obtém uma correlação moderada e pouco significativa ($r=,557^*$, $p=,025$) na Confiança Interpessoal no Par Amoroso.

Por fim, analisada a relação entre o Bem-Estar Psicológico total e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso, apenas o sexo feminino apresenta correlações pouco significativas e moderadas no nível socioeconómico baixo ($r=,435^*$, $p=,030$) e no nível socioeconómico médio ($r=,466^*$, $p=,010$). Analisando a associação do Bem-Estar com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, o sexo feminino apresenta correlações significativas e moderadas, no nível socioeconómico baixo ($r=,477^*$, $p=,001$) e no nível socioeconómico médio ($r=,457^{**}$, $p=,000$) e apresenta ainda uma correlação baixa mas significativa no nível socioeconómico alto ($r=,325^*$, $p=,038$). Por outro lado, o sexo masculino apresenta apenas uma correlação significativa e moderada ($r=,665^{**}$, $p=,004$) no nível socioeconómico alto.

V – Discussão

As análises de dados efetuadas, assim como os resultados obtidos, decorrem da definição de um objetivo principal, isto é, contribuir para a análise de relações entre as várias dimensões do Bem-Estar Psicológico e a Confiança Interpessoal, tanto no Melhor Amigo como no Par Amoroso. Além disso, pretendeu-se conhecer o papel das variáveis sociodemográficas na Confiança Interpessoal e no Bem-Estar Psicológico. No que se refere aos instrumentos utilizados, pretendeu-se, ainda, contribuir para o estudo de adaptação portuguesa da escala de Confiança Interpessoal utilizada.

Num primeiro momento foram realizadas análises fatoriais e de consistência interna da medida da Confiança Interpessoal, para os dois alvos

(Melhor Amigo e Par Amoroso), tendo por base a adaptação da escala *Rotenberg's Specific Trust-Scale-Adults*. Foram revelados níveis de consistência interna adequados (Nunnally, 1978) e alcançados *Alfas de Cronbach* bastante elevados em ambas as versões, nomeadamente na Confiança Interpessoal no Melhor amigo ($\alpha=,947$) e na Confiança Interpessoal no Par Amoroso ($\alpha=,977$). As análises fatoriais foram ao encontro de estudos anteriores realizados para a adaptação portuguesa (Minas, 2014; Santos, 2014; Vale-Dias & Franco-Borges, 2014), sendo a Confiança Interpessoal (nos dois alvos) bifatorial, contendo o fator emocional e o fator fidelidade.

Foram, em seguida, analisadas as diferenças estatisticamente significativas na Confiança Interpessoal nos dois alvos e respetivos fatores e também no Bem-Estar Psicológico em função das principais variáveis sócio-demográficas: género, principais problemas ou dificuldades, estatuto socioeconómico e grupos de idade. O papel do grau de escolaridade e estatuto marital foi analisado apenas no Bem-Estar Psicológico.

Analisando a Confiança Interpessoal e o papel do género (H1), podemos verificar que este tem um papel significativo no alvo (Melhor Amigo) e nos respetivos fatores, contrariamente ao referente ao outro alvo (Par Amoroso). A média no alvo Melhor Amigo é mais elevada no sexo feminino, aceitando-se parcialmente a hipótese. De acordo com estudos anteriores, as mulheres quando comparadas aos homens, dão mais ênfase às relações e conexões interpessoais, enquanto os homens são mais propensos a enfatizar as adesões do grupo (Maddux & Brewer, 2005). É importante referir que as investigações em torno da Confiança Interpessoal e que abordam o papel do género não são conclusivas, isto é, existem estudos que apontam para um efeito do género (Betts & Rotenberg, 2008), enquanto outros não (Rotenberg et al. 2010).

Considerando as respostas dos sujeitos ao questionário sociobiográfico, nos principais problemas ou dificuldades, consideramos que em todas as variáveis – Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e Bem-Estar Psicológico os principais problemas apresentam um papel significativo, havendo diferenças se atendermos aos problemas de vida ou dificuldades relatados (H2).

Em relação à idade, a amostra foi dividida em três grupos (o grupo dos adultos emergentes, dos jovens adultos e dos adultos de meia idade). Podemos então verificar que em todas as análises relativas à Confiança Interpessoal com os grupos de idade (H3) a média é maioritariamente superior no grupo dos adultos emergentes e menor no grupo dos adultos de meia-idade. No entanto, as diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários apenas se verificaram em relação ao fator fidelidade ($p=,031$) na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, assumindo-se, por isso, que a idade tem um papel significativo neste fator, verificando-se que as médias diminuem com a idade. Quanto ao Bem-Estar Psicológico (igualmente H3), a média correspondente aos adultos emergentes é significativamente superior à dos restantes grupos

de idade ($p=,020$), isto é, a pertença ao grupo de adultos emergentes favorece mais o Bem-Estar Psicológico. Podemos então concluir, aceitando parcialmente H3, que a idade desempenha um papel significativo num dos fatores da Confiança Interpessoal (fator fidelidade no Par Amoroso) e no Bem-Estar Psicológico, apresentando os adultos emergentes resultados mais favoráveis. Esta análise alerta-nos para a necessidade de mais investigação referente as diferenças de idade na Confiança Interpessoal, atendendo aos diversos alvos e fatores. Em relação à idade e ao Bem-Estar Psicológico, embora se possam enumerar razões que favoreçam a ideia de uma percepção de Bem-Estar mais positiva na adulez emergente (por exemplo, menor exigência em termos de responsabilidades, maior disponibilidade para explorar o mundo, mais vitalidade, etc), que se verifica no presente estudo, cabe dizer que a literatura também aceita uma associação positiva entre a idade e o Bem-Estar Psicológico. Relembrando o modelo, que se baseou na recolha das impressões de adultos de meia-idade e de idade avançada sobre o que é o Bem-Estar (cf. Ryff, 1989a, 1989b), aquele entende que o *daimon* ou Bem-Estar é alcançado mediante um processo de desenvolvimento do potencial pessoal (Ryff, 1989b; Ryff & Singer, 1998). Cabe, então, aprofundar a investigação sobre a relação encontrada.

Relativamente ao papel do estatuto socioeconómico (H4), parcialmente provado, as médias mais favoráveis de Confiança Interpessoal e de Bem-Estar Psicológico registam-se no estatuto socioeconómico alto. Consideramos assim que o estatuto socioeconómico desempenha um papel significativo na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo ($p=,048$). Desempenha ainda um papel significativo no Bem-Estar Psicológico, uma vez que à medida que o estatuto socioeconómico aumenta, o Bem-Estar também aumenta ($p=,006$), impondo-se uma perspectiva evolucionária, segundo a qual a pertença a um grupo social desejável, no qual o sujeito dispõe de recursos e de um estatuto atraente aos olhos daquele que o avalia, facilita a sua integração social (Guilbert, 2005). É importante referir que a pertença a um grupo socioeconómico desfavorecido poderá ser um fator de risco para o Bem-Estar e para a saúde dos sujeitos (cf. Ryff et al., 1999; Tsenkova et al., 2007).

No que concerne à problemática do Bem-Estar Psicológico, analisamos ainda o papel do grau de escolaridade (H5) e do estatuto marital (H6). Podemos concluir que o grau de escolaridade não apresenta um papel significativo no Bem-Estar ($p=,104$), contrariamente ao estatuto marital ($p=,015$), verificando-se maior Bem-Estar Psicológico entre os sujeitos solteiros, seguindo-se os divorciados e casados. Os resultados mais desfavoráveis referem-se aos sujeitos não casados mas a viver com alguém (união consensual). Tal como neste estudo, pesquisas anteriores encontraram índices mais elevados de Bem-Estar entre sujeitos casados do que não casados (Gore & Mangione, 1983; Kandel & cols., 1985), a viver em união consensual.

Foram realizadas correlações através do coeficiente de *Spearman* para analisar as restantes hipóteses (H7, H8, H9 e H10). No que concerne às relações entre a Confiança Interpessoal e as dimensões do Bem-Estar

Psicológico (H7), podemos destacar que todas as análises apresentam correlações significativas, logo apoiam a hipótese em estudo. Na Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, apenas a dimensão Relações Positivas apresenta uma correlação moderada, sendo que as restantes apresentam correlações baixas. Na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, todas as correlações são baixas. Quando relacionamos o Bem-Estar Psicológico com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, consideramos que as correlações são moderadas e baixas e na Confiança Interpessoal no Par Amoroso todas as correlações são baixas. Acrescente-se que ambas as medidas de Confiança Interpessoal e os seus fatores se encontram correlacionados de forma positiva e significativa com o Bem-Estar Psicológico total (H8), ainda que, com magnitudes de associação diferentes. É interessante referir que, tanto na análise da H7 como da H8, a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo tende a apresentar associações mais fortes com o Bem-Estar Psicológico do que a Confiança no alvo Par Amoroso. Com efeito, estudos anteriores indicam que as relações saudáveis entre pares são um forte preditor de bem-estar (e.g. Segrin et al., 2007; Diener e Fujita, 1995; Sheldon et al., 2007, Sheldon, 2004).

A idade é uma variável geralmente utilizada para investigar mudanças nos níveis do Bem-Estar Psicológico em função de diferentes etapas do ciclo vital (Ryff, 1989; Ryff & Keyes, 1995; Ryff & Singer, 2008). Na análise da hipótese 9 (H9), que afirma que, nos diferentes grupos de idade, a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, se relaciona de forma positiva com as dimensões de Bem-Estar Psicológico, - relativamente à Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, a maioria das relações são significativas e variam entre moderadas e baixas. Podemos destacar que à medida que a idade aumenta a correlação tende a diminuir, verificando-se isto nas dimensões: Relações Positivas, Sentido de Vida, Aceitação Pessoal e Bem-Estar Psicológico; nas restantes dimensões encontram-se pequenas diferenças na magnitude e significância das correlações atendendo ao grupo de idade, sendo a mais significativa a que se refere à dimensão da Autonomia, em que apenas o grupo dos jovens adultos apresenta uma correlação significativa moderada (os adultos de meia idade mostram uma correlação fraca e os adultos emergentes não apresentam correlação significativa). Em relação à Confiança Interpessoal no Par Amoroso, verificam-se algumas correlações significativas com as diferentes dimensões, nos grupos etários considerados, sendo as mesmas moderadas e baixas. Nas dimensões Relações Positivas, Aceitação Pessoal e no Bem-Estar Psicológico encontram-se correlações mais significativas, com destaque para o grupo dos adultos emergentes e dos jovens adultos. A relação entre as competências sociais e bem-estar é evidenciada na revisão da literatura, por exemplo, pelo modelo de Ryff (1989) sobre as necessidades humanas e as dimensões do bem-estar, onde se evidencia que as Relações Positivas são promotoras do mesmo. Ao promover as capacidades dos jovens para se relacionarem com os outros de forma positiva e consigo próprios, está-se igualmente a promover o bem-estar dos mesmos (Segrin et al., 2007; Diener e Fujita, 1995).

Foram analisadas as relações entre as dimensões do Bem-Estar Psicológico e a Confiança Interpessoal nos dois alvos, atendendo ao sexo e ao estatuto socioeconómico (H10). De uma forma geral, em todas as dimensões o papel de relevo pertence ao sexo feminino, em ambas as Confianças, apresentando este correlações significativas moderadas e baixas contrariamente ao sexo masculino, que apresenta poucas correlações e pouco significativas.

Relativamente à dimensão Crescimento Pessoal verificamos uma associação significativa no sexo masculino, em todos os estatutos socioeconomicos, com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo. Na Confiança Interpessoal no Par Amoroso, apenas para o sexo feminino e no nível socioeconomico médio, se verifica uma relação significativa com o Crescimento Pessoal. Na dimensão Autonomia, em ambas as confianças, verificam-se correlações no sexo feminino apenas no nível socioeconomico médio, e no sexo masculino apenas no nível socioeconómico alto.

Por último no Bem-Estar Psicológico total, em ambas as confianças, o sexo feminino parece apresentar novamente um papel de destaque na maioria dos estatutos socioeconómicos, porém a única correlação associada ao sexo masculino é também a correlação mais alta, sendo associada ao nível socioeconómico alto.

Esta importância do sexo feminino na relação com o estatuto socioeconómico para a compreensão do Bem-Estar tem sido encontrada já em estudos anteriores, nos quais elevados níveis de bem-estar psicológico têm sido encontrados entre mulheres que possuem um trabalho remunerado, em contraposição a níveis mais baixos em que as mulheres não trabalham (Amatea & Fong, 1991; Aston & Lavery, 1993; Barnett & Baruch, 1995; Barnett & cols., 1992; Bullers, 1994; Gore & Mangione, 1983; Gove & Tudor, 1973; Hecht, 2001; Kandel, Davies & Raveis, 1985; Kessler & McRae, 1981; Kibria & cols., 1990; Martire & cols., 2000; Stephens & cols., 1994; Vandewater & cols., 1997; Verbrugge, 1983). No entanto, na presente investigação, o sexo destaca-se no que se refere a certas dimensões do Bem-Estar, também noutros níveis socioeconómicos. Assim, será desejável aprofundar o estudo da interação entre o sexo e o estatuto socioeconómico na análise do Bem-Estar.

VI - Conclusões

O presente estudo procurou analisar a relação entre a Confiança Interpessoal em dois alvos distintos (Melhor Amigo e Par Amoroso) e o Bem-Estar Psicológico, pretendendo-se também estudar o papel de certas variáveis sociodemográficas.

Neste âmbito, elaborou-se uma revisão da literatura referente à Confiança Interpessoal em adultos, segundo a teoria e modelo de Rotenberg (2010). Para além de abordar teoricamente este modelo, o estudo visa contribuir para a adaptação da “Rotenberg’s Specific Trust-Scale-Adults”,

tendo sido realizadas análises fatoriais para os diferentes alvos, o que permite verificar as diferenças quando alteramos o alvo, concluindo que o modelo é mais fiável e mais robusto em termos fatoriais no Par Amoroso.

Foi estudado o papel de algumas das principais variáveis sócio demográficas a nível das variáveis em análise – Confiança Interpessoal (Melhor Amigo e Par Amoroso) e Bem-Estar, e verificou-se o papel significativo de variáveis como o sexo, a idade, os principais problemas ou dificuldades relatados e o estatuto socioeconómico. Podemos destacar que a pertença ao sexo feminino parece ser favorável a melhor Bem-Estar Psicológico, ficando por analisar o seu papel como um fator preditor de bem-estar, o que indica também a necessidade de retomar o debate sobre o papel desempenhado pela mulher na sociedade contemporânea.

Foram ainda correlacionadas as várias dimensões do Bem-Estar Psicológico com a Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, encontrando-se correlações interessantes. No entanto, é necessário considerar o baixo valor da maioria das correlações observadas (Cohen, 1988), alertando-se para a importância de desenvolver e aprofundar esta questão em futuras investigações. Podemos destacar as correlações relacionadas com a idade, verificando-se a predominância do grupo dos adultos emergentes. Referimos ainda as correlações relacionadas com o sexo e com o estatuto socioeconómico, assistindo-se a um papel significativo por parte do sexo feminino contrariamente ao sexo masculino.

Em termos de balanço positivo, deve-se salientar a originalidade do estudo, no que se refere ao objetivo principal e também relativamente ao contributo para a adaptação de um instrumento que avalia a Confiança Interpessoal e que poderá vir a ser utilizado em comparações transculturais.

Apesar das conclusões retiradas do presente estudo, importa sublinhar que o mesmo contém algumas limitações, e por isso os resultados devem ser lidos com algum cuidado. Em primeiro lugar, a dimensão do protocolo, que foi considerado por diversos indivíduos, como demasiado extenso e cansativo. A diferença na representação do sexo feminino e masculino e a prevalência de população jovem, não devem ser ignoradas no alcance dos resultados. Outra limitação do presente estudo foi considerar a amostra como sendo normal, sem nenhuma patologia associada e não considerar os antecedentes, como por exemplo: a relação com os pais, com os amigos e com os outros.

Bibliografia

- Bandeira, D. & Machado, W. (2012) Bem-Estar Psicológico: Definição, Avaliação e Principais Correlatos. *Estudos de Psicologia*, 29 (4), 587-595
- Carver, C. S. (1997). You want to measure coping but your protocol's too long: Consider the Brief COPE. *International Journal of Behavioral Medicine*, 4, 92-100.
- Costello, Anna B. & Osborne, J. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: four recommendation for getting the most from your analysis. *Practical Assessment Research Evaluation*, 10 (7).
- Dias, M. (1996). *Tarefas Desenvolvimentais e Bem-Estar Psicológico dos Jovens*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto: Portugal
- Dias, M. & Possatti, I. (2002) Multiplicidade de Papéis da Mulher e seus efeitos para o Bem-Estar Psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (2), 293-301.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575. Recuperado em https://internal.psychology.illinois.edu/reprints/index.php?site_id=24
- Diener, E. (1994). Assessing subjective well-being: Progress and opportunities. *Social Indicators Research*, 31, 103-157. Recuperado em https://internal.psychology.illinois.edu/reprints/index.php?site_id=24
- Diener, E., & Chan, M. Y. (2011) Happy people live longer: Subjective well-being contributes to health and longevity. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 3 (1), 1-43. Recuperado em https://internal.psychology.illinois.edu/reprints/index.php?site_id=24
- Diener, E., Lucas, R., & Scollon, C. N. (2006). Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. *American Psychologist*, 61, 305-314.
- Diener, E., & Ryan, K. (2009). Subjective well-being: a general overview. *South African Journal of Psychology*, 39 (4), 391-406. Recuperado em https://internal.psychology.illinois.edu/reprints/index.php?site_id=24
- Diener, E., Sapyta, J. J., & Suh, E. (1998). Subjective well-being is essential to well-being. *Psychological Inquiry*, 9, 33-37. doi: 10.1207/s15327965pli0901_3
- Diener, E., & Suh, E. (1997). Measuring quality of life: Economic, social, and subjective indicators. *Social Indicators Research*, 40, 189-216. Recuperado em https://internal.psychology.illinois.edu/reprints/index.php?site_id=24
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Ellison, C. W. & Firestone, I. J. (1974). Development of interpersonal trust as a function of self-esteem, target status, and target style. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29(5), 655-663.
- Evans, A. M., & Kruger, J. I. (2011). Elements of trust: risk and perspectivetaking. *Journal of Experimental Psychology*, 47, 171-177.
- Ferreira, J. A., & Simões, A. (1999). Escalas de Bem-Estar Psicológico (E.B.E.P.) In Leandro S. Almeida, Mário R. Simões, & Miguel M. Gonçalves (Eds.) *Testes e Provas Psicológicas em Portugal*. (Vol.2, pp. 111-121). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Foubert, J. D., & Sholley, B. K. (1996). Effects of gender, gender role,

and individualized trust on self-disclosure. *Journal Of Social Behavior & Personality*, 11(5), 277-288

Johnson-George, C., & Swap, W. C. (1982). Measurement of specific interpersonal trust: Construction and validation of a scale to assess trust in a specific other. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 43(6), 1306-1317.

Fujita, F., Diener, E., & Sandvik, E. (1991). Gender differences in negative affect and well-being: The case for emotional intensity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 427-434.

Holmes, J. G., & Rempel, J. K. (1989). Trust in close relationships. In C. Hendrick (Ed.), *Close relationships*. (pp. 187-220). Newbury Park, CA: Sage

Johnson-George, C., & Swap, W. C. (1982). Measurement of specific interpersonal trust: Construction and validation of a scale to assess trust in a specific other. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(6), 1306-1317.

Keyes, C.L.M. (2005). Mental Illness and / or Mental Health? Investigating Axioms of the Complete State Model of Health. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73, 3, 539-548. Doi: 10.1037/0022-006X.73.3.539

Keyes, C.L.M. (2007). Promoting and Protecting Mental Health as Flourishing – A Complementary Strategy for Improving National Mental Health. *American Psychologist*, 62, 2, 95-108. doi: 10.1037/0003-066X.62.2.95.

Keyes, C.L.M. Shmotkin, D., & Riff, C.D. (2002). Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 1007/1022.

Keyes, C.L.M. Wissing, M., Potgieter, J., Temane, M., Kruger, A., van Rooy, S. (2008). Evaluation of the Mental Health Continuum – Short Form (MHC-SF) in Setswana Speaking South Africans. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 15, 181-192.

Lount, R. B. (2010). The impact of positive mood on trust in interpersonal and intergroup interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(3), 420-433.

Maddux, W. W., & Brewer, M. B. (2005). Gender Differences in the Relational and Collective Bases for Trust. *Group Processes & Intergroup Relations*, 8 (2), 159-171

Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com a utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Silabo.

Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recursos ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.

Mayer, R. C., Davis, J. H., & Schoorman, F. D. (1995). An integrative model of organizational trust. *Academy of Management Review*, 20, 709-734.

Mcknight, D. H., & Chervany, N. L. (1996). The meanings of trust. *University of Minnesota MIS Research Center Working Paper Series*. Acedido em: <http://misrc.umn.edu/wpaper/WorkingPapers/9604.pdf>.

Minas, B. D. F. (2014). *A Violência nas relações íntimas: prevalência e estudo de relações com a confiança interpessoal e com a esperança*. Dissertação de Mestrado não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do género na psicologia

social. *Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social*, 13 (1), 107-128.

Novo, R. (2003). *Para Além da Eudaimonia - O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Novo, R. F. (2005). We need more than self-reports. Contributo para as estratégias de avaliação do bem-estar. *Psicologia, Educação e Cultura*, 9 (2), 472-496.

Novo, R. F., Duarte-Silva, E., & Peralta, E. (1997). O bem-estar psicológico em adultos. Estudo das características psicométricas da versão portuguesa das escalas de C. Ryff. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. S. Almeida & M. Simões (Ed.) *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. V. pp. 313-324). Braga: APPORT/SHO.

Osborne, J. W. (2014). *Best Practices in Exploratory Factor Analysis*. North Carolina State University: PSat.

Parmar, P. & Rohner, R. P. (2005). Relations among Perceived Intimate Partner Acceptance, Remembered Parental Acceptance, and Psychological Adjustment among Young Adults in India. *Ethos*, 33, 3, 402-213.

Pereira, O. G., & Jesuino, J. C. (1985). *Psicologia social do desenvolvimento: Socialização e saúde mental*. Lisboa: Livros Horizonte.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Ramalho, C. (2008). *(Os) Nós e os Laços: Vinculação, Suporte Social e Bem-Estar em Jovens Adultos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Lisboa: Portugal

Remédios, C. (2010). *O bem-estar psicológico e as competências pessoais e sociais na adolescência*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa: Portugal

Rempel, J., Holmes, J & Zanna, M. (1985). Trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(1), 95-112.

Rohner, R., Melendez, T., & Kraimer-Rickaby, L. (2008). Intimate partner acceptance, parental acceptance in childhood, and psychological adjustment among American adults in ongoing attachment relationships. *Cross-Cultural Research*, 42(1), 13.

Rotenberg, K. J. (1994). Loneliness and interpersonal trust. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 13(2), 152-173.

Rotenberg, K. J. (2001). Interpersonal trust across lifespan. In P.B. Baltes, J. Smelser (Eds.), *International encyclopedia of social and behavioral sciences* (pp. 7866–7868). Pergamon, New York.

Rotenberg, K. J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: a basis, domain and target framework. In K. J. Rotenberg (Eds.), *Interpersonal trust during childhood and adolescence*. (pp. 8-27). University of Keele: Cambridge University Press.

Rotenberg, K. J. & Boulton, M. (2013). Interpersonal Trust Consistency and the Quality of Peer Relationships During Childhood. *Social Development*, 22 (2), 225-241.

Rotter, J. B. (1967). A new scale for the measurement of interpersonal trust. *Journal of Personality*, 35, 651-665.

Rotter, J. B. (1971). Generalized expectancies for interpersonal trust. *American Psychologist*, 26, 443-452

Rotter, J. B. (1980). Interpersonal trust, trustworthiness, and gullibility.

American Psychologist, 35(1), 1-7.

Ryff, C. D. (1989a). In the eye of the beholder: Views of psychological well-being among middle-aged and older adults. *Psychology and Aging*, 4, 195-210.

Ryff, C. D. (1989b). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 1069-1081.

Ryff, C. D. (1991). Possible selves in adulthood and old age: A tale of shifting horizons. *Psychology and Aging*, 6, 286-295.

Ryff, C. D., & Essex, M. J. (1992). The interpretation of life experience and well being: The sample case of relocation. *Psychology and Aging*, 7, 507-517.

Ryff, C. D., & Heidrich, S. M. (1997). Experience and well-being: Explorations on domains of life and how they matter. *International Journal of Behavioral Development*, 20, 193-206.

Ryff, C. D., & Keyes, C. L. (1995). The Structure of psychological wellbeing revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719-727.

Ryff, C. D., Keyes C. L. M., & Huges, D. L. (2003). Status inequalities, perceived discrimination, and eudaimonic well-being: Do the challenges of minority life hone purpose and growth? *Journal of Health & Social Behavior*, 44, 275-291.

Ryff, C. D., Lee, Y. H., Essex, M. J., & Schmutte, P. S. (1994). My children and me: Mid-life evaluations of grown children and of self. *Psychology and Aging*, 9, 195-205.

Ryff, C. D., Love, G. D., Urry, H. L., Muller, D., Rosenkranz, M. A., Friedman, E. M., Davidson, R. J., & Singer, B. (2006). Psychological well-being and ill-being: do they have distinct or mirrored biological correlates?. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 75, 85-95. doi:10.1159/000090892

Ryff, C. D., Magee, W. J., Kling, K. C., & Wing, E. H. (1999). Forging macro-micro linkages in the study of psychological well-being. In C. D. Ryff & V. W. Marshall (Eds.), *The self and society in aging processes* (pp. 247-278). New York: Springer.

Ryff, C. D., & Singer, B. H. (1998). The contours of positive human health. *Psychological Inquiry*, 9, 1-28. doi: 10.1207/s15327965pli0901_1

Ryff, C. D., & Singer, B. H. (2008). Know thyself and become what you are: A eudaimonic approach to psychological well-being. *Journal of Happiness Studies*, 9, 13-39. doi: 10.1007/s10902-006-9019-0

Ryff, C. D., Singer, B. H., & Love, G. D. (2004). Positive health: Connecting well-being with biology. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, 359, 1383-1394. doi:10.1098/rstb.2004.1521

Ryff, C. D., Singer, B. H., & Palmersheim, K. A. (2004). Social inequalities in health and well-being: The role of relational and religious protective factors. In O. G. Brim, C. D. Ryff, & R. C. Kessler (Eds.), *How healthy are we?: A national study of well-being at midlife* (pp. 90-123). Chicago: University of Chicago Press.

Santos, A. R. (2014). *Aceitação-Rejeição Parental e Confiança Interpessoal nas Relações Íntimas*. Dissertação de Mestrado não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Seligman, M. E. P. (2008). Positive Health. *Applied Psychology: Na International Review*, 57, 3-18.

Simpson, J. (2007). Psychological foundations of trust. *Current Directions in Psychological Science*, 16(5), 264-268.

Tschannen-Moran, M., & Hoy, W. K. (2000). A multidisciplinary analysis of the nature, meaning, and measurement of trust. *Review of Educational Research*, 70(4), 547-593.

Vale-Dias, M. L. & Franco-Borges, G. (2014). *Adaptação Portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal. (Rotenberg's Specific Trust Scale)*. Documento não publicado.

Veenhoven, R. (1996). The study of Life Satisfaction. Em Saris, W. E., Veenhoven, R. Scherpenzeel, A. C. & Bunting, B. (Ed.). *A Comparative Study of Satisfaction With Life in Europe* (pp 11-48). University Press.

Waterman, A. (1993). Two Conceptions of happiness: Contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(4), 678-691.

Wieselquist, J., Rusbult, C., & Forster, G. (1999). Commitment, pro-relationship behavior, and trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(5), 942-966.

Anexos

Anexo 1. Consentimento Informado



FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

EM INVESTIGAÇÃO E CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo está a ser efetuado no âmbito da realização de duas dissertações de *Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra*, da autoria da Dr^a Francisca Raimundo e da Dr^a Mariana Dias, sendo orientado pela Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias.

O objetivo principal desta pesquisa consiste em conhecer, junto de adultos e jovens adultos, o que pensam as pessoas a respeito de si mesmas e da vida, assim como alguns dados biográficos. Para o concretizar será necessário aplicar questionários a indivíduos com idades a partir dos 18 anos, inclusive.

Assim, pedimos a sua colaboração neste estudo, através da resposta aos questionários que se seguem. Será assegurado o completo anonimato e confidencialidade da informação recolhida e os dados apenas serão utilizados para efeito da presente investigação.

Não há respostas certas ou erradas. Será muito importante que responda de forma individual e sincera às questões que lhe serão colocadas.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Com os nossos melhores cumprimentos,

Coimbra, 15 de abril de 2015

(Prof. Doutora Maria da Luz Vale Dias)

(Dr^a Francisca Raimundo)

(Dr^a Mariana Dias)

CONTACTOS:

Maria da Luz Vale Dias – (valedias@fpce.uc.pt)

Dr^a Francisca Raimundo – (francisca.coxixo@gmail.com);

Dr^a Mariana Dias – (marianaferreiradias@live.com.pt)

Eu, _____, declaro ter sido suficientemente informado(a), aceitando participar nesta investigação.

_____ (localidade), ____ de _____ de 2015

Assinatura: _____

ANEXO II. QUESTIONÁRIO SOCIOBIOGRÁFICO

PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO DO ESTUDO
“As ideias das pessoas a respeito de si mesmas e da vida - II”

Questionário Sociobiográfico

ID _____ (a preencher pelos investigadores)

Data de preenchimento _____

1. Idade/DN i. Idade _____ ii. Data de Nascimento _____

2. Sexo 1. _____ Masculino
2. _____ Feminino

3. Língua materna. Em que língua ou dialeto fala em casa?

____ 1. Português
____ 2. Outra _____ (especificar)

4. Educação. Qual o grau de escolaridade concluído?

____ 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____
____ 2. 12º ano
____ 3. 12º ano, mais diploma profissional específico
____ 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura
____ 5. Licenciatura ou grau equivalente
____ 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutoramento)

5. Emprego. Encontra-se actualmente empregado(a)?

____ 1. Desempregado(a) e não à procura de emprego (incluindo situação de doença, incapacidade, reforma, etc.)
____ 2. Desempregado(a) à procura de trabalho
____ 3. Empregado(a) a tempo parcial
____ 4. Empregado(a) a tempo inteiro
____ 5. Outra _____ (especificar)

6. Ocupação/Profissão. Qual a principal ocupação/profissão (inclui a de Doméstica(o))?

i. Designação _____
ii. Quais as suas principais obrigações/responsabilidades? _____

7. Estatuto marital. Assinale todas as situações que sejam verdadeiras.

____ 1. Casado(a) e a viver com o cônjuge
____ 2. Casado(a) mas a viver com alguém sem ser o cônjuge
____ 3. Não casado(a), mas a viver com alguém (união consensual)
____ 4. Separado (i.e., casado(a), mas não a viver com o cônjuge)
____ 5. Divorciado(a)
____ 6. Viúvo(a)
____ 7. Solteiro (nunca casado)

8. Localidade (e Concelho) onde reside: _____

9. Localidade (e Concelho) onde nasceu: _____

10. Acerca do seu Pai, por favor indique:

10.1. Área de Residência: _____

10.2. Naturalidade: _____

10.3. Nacionalidade: _____

10.4. Habilitações Literárias:

___ 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____

___ 2. 12º ano

___ 3. 12º ano, mais diploma profissional específico

___ 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura

___ 5. Licenciatura ou grau equivalente

___ 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutorado)

10.5. Profissão: _____

11. Acerca da sua Mãe, por favor indique:

11.1. Área de Residência: _____

11.2. Naturalidade: _____

11.3. Nacionalidade: _____

11.4. Habilitações Literárias:

___ 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____

___ 2. 12º ano

___ 3. 12º ano, mais diploma profissional específico

___ 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura

___ 5. Licenciatura ou grau equivalente

___ 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutorado)

11.5. Profissão: _____

12. Mantém ou manteve um relacionamento amoroso (com duração superior a 6 meses)?

Sim

Não

13. Mantém um relacionamento amoroso atualmente?

Sim

Não

13.1. Se sim, há quanto tempo mantém esse relacionamento? _____

14. Problemas/Dificuldades Assinale com “X” o espaço correspondente à resposta adequada (Sim ou Não). Já teve ou tem problemas de:

| | S | N | | S | N |
|------------------------------------|-----|-----|---|-----|-----|
| 1-Distúrbios alimentares | ___ | ___ | 13- Haxixe | ___ | ___ |
| 2- Depressão /sintomas depressivos | ___ | ___ | 14- Heroína | ___ | ___ |
| 3- Ansiedade | ___ | ___ | 15-Cocaína | ___ | ___ |
| 4- Álcool | ___ | ___ | 16- Ecstasy | ___ | ___ |
| 5-Stresse | ___ | ___ | 17- Comportamentos sexuais de risco | ___ | ___ |
| 6-Agressividade e violência | ___ | ___ | 18- Relações amorosas (ex: namoro...) | ___ | ___ |
| 7- Anfetaminas | ___ | ___ | 19- Baixa autoestima | ___ | ___ |
| 8- Hepatite | ___ | ___ | 20- Profissão (inclui Escola- aulas, exames...) | ___ | ___ |
| 9- Cancro | ___ | ___ | 21-Relações interpessoais | ___ | ___ |
| 10-Tuberculose | ___ | ___ | 22- Ordem familiar | ___ | ___ |
| 11-Comportamentos antissociais | ___ | ___ | 23- Solidão | ___ | ___ |
| 12-Tabaco | ___ | ___ | 24- Outro ___ (especifique) _____ | | |

Anexo III. Escalas de bem-estar psicológico de Carol Ryff (adaptação portuguesa de Ferreira & Simões, 1999).

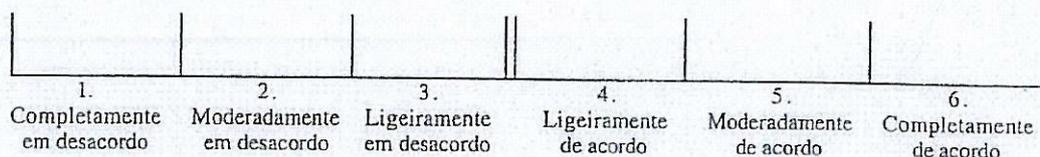
Q.R.

As frases, que irá ler, dizem respeito à maneira como as pessoas costumam comportar-se, nas circunstâncias da sua vida.

O que se lhe pede é que diga se concorda ou discorda, e até que ponto, com cada frase. Isto é, se cada frase se aplica a si, e até que ponto.

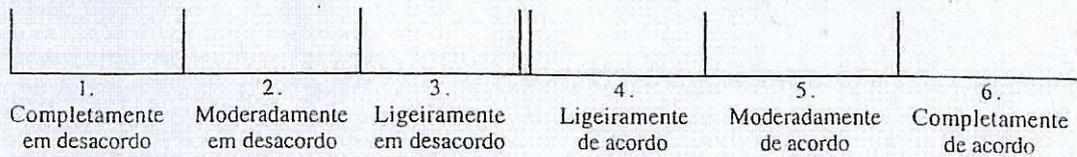
A sua resposta estará certa, se corresponder àquilo que pensa a seu respeito, e não ao que os outros pensam de si — o que se pede é a sua resposta pessoal.

Para dar a sua resposta, basta fazer uma cruz (X), dentro de uma das casas, que se encontram, à frente de cada frase. Vai, na verdade, encontrar, à frente de cada frase, um desenho, como este:

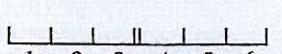
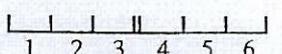
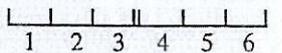
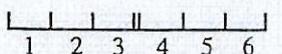
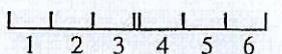
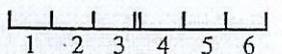
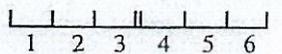
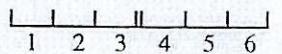
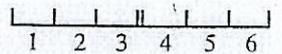
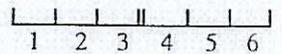
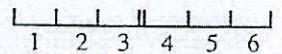
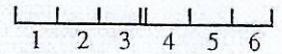
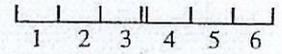
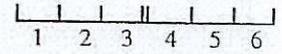


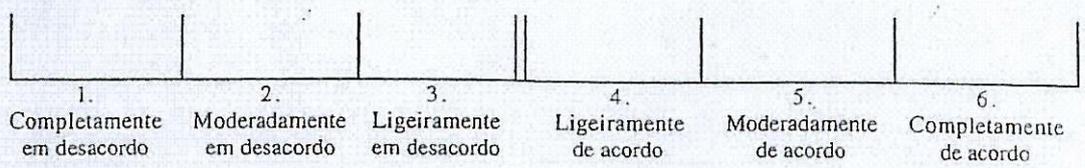
Repare que o desenho está dividido, ao meio, por uma linha dupla. À esquerda dessa linha, marcam-se as respostas de desacordo com a frase; à direita da linha, marcam-se as respostas de acordo com a frase. Comece, pois, por decidir se está de acordo ou em desacordo com a frase.

Depois, decida, até que ponto concorda ou discorda com a frase e marque a cruz, bem dentro da casa apropriada. Por exemplo, suponha que não estava, nem muito nem pouco (ou seja, moderadamente) em desacordo com a frase: marcaria a cruz, à esquerda da linha dupla, na segunda casa, a contar da esquerda (a que tem escrito: 2. *Moderadamente em desacordo*). Porém, se estivesse só um pouco (ou seja, ligeiramente) de acordo, marcaria a cruz, dentro da casa, logo à direita da linha dupla, que tem escrito: 4. *Ligeiramente de acordo*.

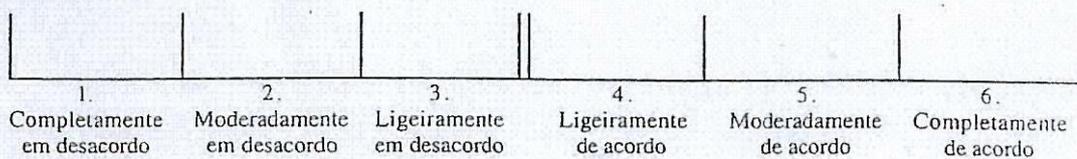


1. Dá-me prazer conversar com as pessoas e trocar impressões com familiares e amigos.
2. Preocupa-me o que os outros pensam das decisões, que tenho tomado, na minha vida.
3. Os objectivos (planos) da minha vida têm sido para mim mais uma fonte de satisfação que de frustração (desilusão).
4. O meu passado teve os seus altos e baixos, mas, de um modo geral, não desejaria mudá-lo.
5. As exigências (obrigações) do dia-a-dia deixam-me, frequentemente, em baixo.
6. É importante para mim dar toda a atenção aos meus amigos íntimos, quando me falam dos seus problemas.
7. As minhas actividades do dia-a-dia parecem-me, muitas vezes, banais e sem importância.
8. Eu não sou daquelas pessoas, que vagueiam, sem rumo (sem orientação), pela vida.
9. Não desejo procurar novas formas de vida: a minha vida está muito bem, assim (como ela está).
10. Fico desiludido, ao tentar planear (organizar) o meu trabalho diário, pois, nunca consigo levar a cabo o que queria fazer.
11. Há muito que eu desisti de tentar melhorar ou fazer grandes mudanças, na minha vida.
12. Tenho inveja da vida, que muita gente leva.
13. Parece-me que a maioria das pessoas tem mais amigos do que eu.
14. É para mim desconfortável não conseguir fazer bem todas as coisas, que tenho de fazer, diariamente.

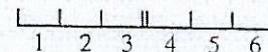




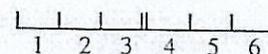
- 15. Em geral, desembaraço-me bem, a tomar conta do meu dinheiro e dos meus negócios pessoais.
- 16. Tenho confiança nas minhas opiniões, mesmo quando são contrárias às da maioria.
- 17. Costumo preocupar-me com o que os outros pensam de mim.
- 18. Consegui fundar um lar e encontrar um modo de vida, que é muito do meu agrado.
- 19. Às vezes, tenho a impressão de ter feito tudo o que há a fazer na vida.
- 20. Tem sido difícil e desencorajante para mim manter relações estreitas com os outros.
- 21. Não tenho medo de dizer alto o que penso, mesmo quando isso vai contra as opiniões da maioria.
- 22. Costumava fixar objectivos (fazer planos) para mim próprio, mas isso parece-me, agora, perda de tempo.
- 23. De um modo geral, sinto orgulho de quem sou e da vida que eu levo.
- 24. Penso que é importante ter novas experiências, que ponham à prova a nossa maneira de ver o mundo e a nós próprios.
- 25. Mudo, facilmente, de decisão quando os meus amigos ou a minha família não estão de acordo comigo.
- 26. A minha atitude para comigo não é, provavelmente, tão positiva (tão favorável) como a que a maior parte das pessoas têm para com elas próprias.
- 27. A maioria das pessoas considera-me um indivíduo amável e afectuoso.
- 28. Tenho a impressão de que muitas pessoas, que eu conheço, conseguiram mais coisas na vida do que eu (tiveram mais sucesso).
- 29. Há alguma verdade no ditado, que diz: "Burro velho já não toma ensino".



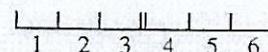
30. Tenho uma vida ocupada, mas dá-me satisfação ter as minhas coisas em dia.



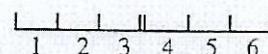
31. As pessoas, raramente, me convencem a fazer coisas, que não desejo fazer.



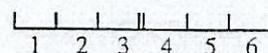
32. Sinto-me satisfeito, quando penso no que fiz, no passado, e no que espero fazer, no presente.



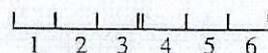
33. Esforço-me por realizar os planos, que para mim mesmo tracei.



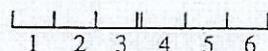
34. Com o tempo, tenho conseguido uma maior compreensão da vida, o que fez de mim uma pessoa mais capaz e mais forte.



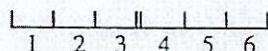
35. Gosto de fazer planos para o futuro e de esforçar-me para os tornar realidade.



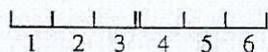
36. Quando penso nisso, acho que, como pessoa, não melhorei muito, com o passar dos anos.



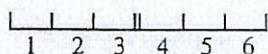
37. Em geral, não me atrapalho com as situações, em que estou a viver.



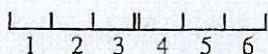
38. Tenho dificuldade em organizar a minha vida, de maneira satisfatória para mim.



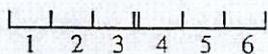
39. Não ando no mundo, por ver andar os outros.



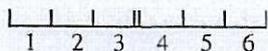
40. Não estou interessado em actividades, que alarguem os meus horizontes (que me façam mudar).



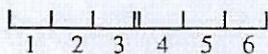
41. Toda a gente tem as suas fraquezas, mas parece que eu tenho mais do que deveria caber-me em sorte.



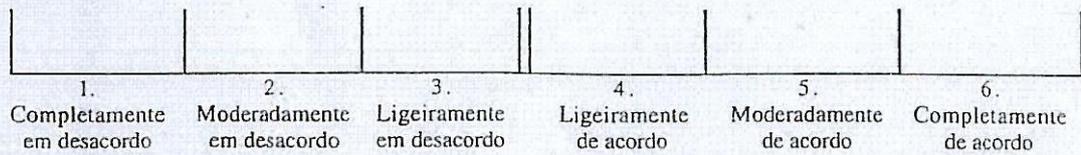
42. Sei como empregar bem o meu tempo, de modo que consigo arranjar e resolver tudo o que tenho para fazer.

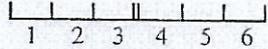
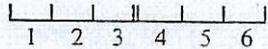
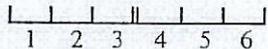
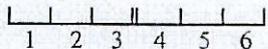
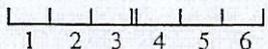
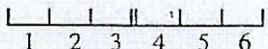
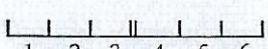
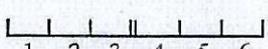
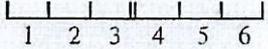
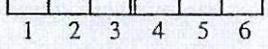
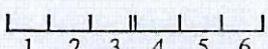
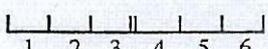
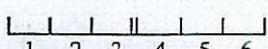
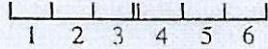


43. Sinto-me desiludido, em vários aspectos, com o que consegui fazer na vida.

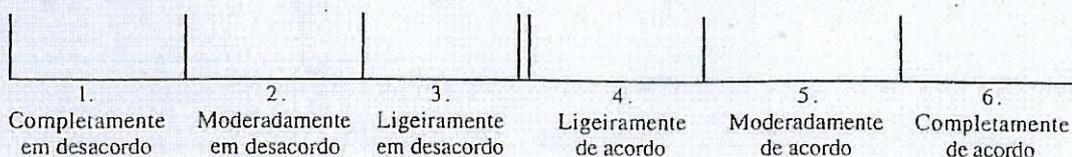


(continua)

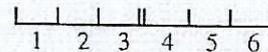


44. Quando olho para o meu passado, fico contente com os resultados conseguidos. 
45. Cometi alguns erros, no passado, mas penso que, no fim de contas, consegui sempre o melhor. 
46. No fim de contas, não estou certo de que a minha vida tenha grande valor. 
47. A meu ver, as pessoas são capazes de continuar a "crescer" e a desenvolver-se, em qualquer idade. 
48. Costumo deixar-me influenciar por pessoas com opiniões muito firmes. 
49. Acordo, muitas vezes, desanimado com a forma como tenho vivido a minha vida. 
50. Julgo-me pelo que penso ser importante, e não por aquilo que os outros acham ser importante. 
51. Costumo preocupar-me com o presente, pois, o futuro quase sempre me traz problemas. 
52. Muitas vezes, sinto-me esmagado pelas minhas responsabilidades. 
53. Em geral, sinto-me confiante e satisfeito comigo próprio. 
54. Vivo o meu dia-a-dia, sem pensar, realmente, no futuro. 
55. Tenho sabido, bastante bem, encontrar aquelas relações (com as pessoas) e aquelas actividades de que sinto necessidade. 
56. Sinto-me, muitas vezes, só, porque tenho poucos amigos íntimos com quem partilhar as minhas preocupações. 
57. Não tenho uma ideia muito clara acerca do que estou a tentar conseguir na vida. 
58. Sou daquelas pessoas, que gostam de tentar fazer coisas novas. 

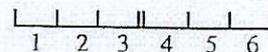
(continua)



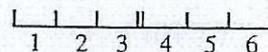
59. É mais importante estar bem comigo mesmo do que ter a aprovação dos outros.



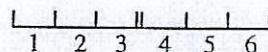
60. Não tenho tido muitas relações calorosas (amigáveis) e confiantes com os outros.



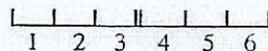
61. Não me sinto muito bem com as pessoas de casa e da vizinhança com quem convivo.



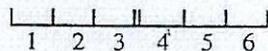
62. Quando se trata de amizades, sinto-me, muitas vezes, como se estivesse a observar, de fora, para dentro.



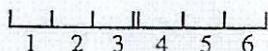
63. Sinto que é difícil abrir-me (desabafar), quando falo com os outros.



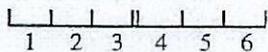
64. Consigo cumprir, bastante bem, as várias obrigações da minha vida diária.



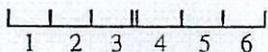
65. É mais importante para mim "ir com a maioria" do que ficar só com os meus princípios.



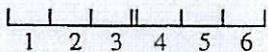
66. As pessoas diriam que sou um indivíduo generoso, disposto a partilhar com os outros o seu tempo.



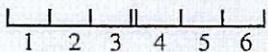
67. Não sou daquelas pessoas, que se deixam levar pelos outros a pensar ou a agir (proceder), de determinada maneira.



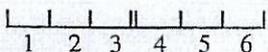
68. Sei que posso confiar nos meus amigos, e eles sabem que podem confiar em mim.



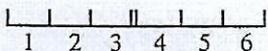
69. Não tenho muita gente disposta a ouvir-me, quando tenho necessidade de desabafar.



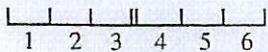
70. Tenho dificuldade em dizer o que penso, quando o assunto é discutível.



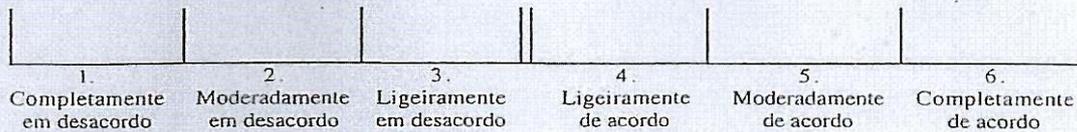
71. Para mim, a vida tem sido uma aprendizagem, um crescimento e uma mudança contínuos.

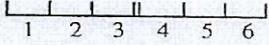
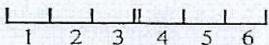
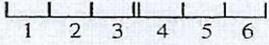
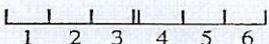
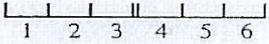
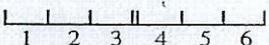
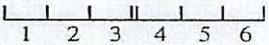
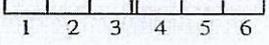
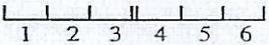
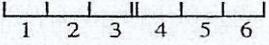
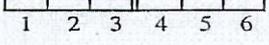
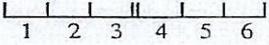


72. Em geral, tenho impressão de que continuo a aprender coisas, acerca de mim próprio, à medida que o tempo passa.



(continua)



73. Gosto da maioria dos aspectos da minha personalidade (da minha maneira de ser). 
74. Se tivesse ocasião de o fazer, gostaria de mudar muitas coisas, em mim próprio. 
75. Não me agrada encontrar-me em situações, em que tenho de mudar os meus velhos hábitos de fazer as coisas. 
76. Se estivesse descontente com a minha vida, faria qualquer coisa para a mudar. 
77. Às vezes, mudo a minha maneira de agir (proceder) ou de pensar, para me tornar mais parecido com os outros. 
78. Dá-me prazer ver como as minhas ideias têm mudado e amadurecido, com o tempo. 
79. Quando me comparo com amigos e conhecidos, sinto-me satisfeito com o que sou. 
80. Sinto-me satisfeito, quando penso no que já realizei na vida. 
81. Tenho a sensação de ter uma linha de rumo (uma orientação) e um objectivo (um sentido), na minha vida. 
82. Eu e os meus amigos compreendemos muito bem os problemas uns dos outros. 
83. Sinto que lucro bastante com as minhas amizades. 
84. Tenho a sensação de me ter desenvolvido bastante, como pessoa, ao longo dos anos. 

Muito obrigado/a pela sua colaboração.

Anexo IV. Valores do Alpha de Cronbach das Escalas de Bem-estar Psicológico

| Escalas de Bem-Estar Psicológico | Valores do estudo de adaptação para a população portuguesa | Valores do presente estudo |
|---|---|-----------------------------------|
| Relações Positivas | .84 | .83 |
| Sentido de Vida | .80 | .81 |
| Aceitação Pessoal | .88 | .91 |
| Domínio do Ambiente | .78 | .85 |
| Crescimento Pessoal | .69 | .87 |
| Autonomia | .83 | .83 |
| Total das escalas | .94 | .94 |

Anexo V. Resultado dos testes de normalidade das amostras

| | Média | DP | Kolmogorov-Smirnov Z | P |
|------------------------------------|--------|--------|----------------------|-------------|
| Sexo | 1,69 | ,463 | 7,628 | ,000 |
| Grupos de idade | 1,84 | ,817 | 4,755 | ,000 |
| Grau de Escolaridade | 3,71 | 1,574 | 3,966 | ,000 |
| Nível Socioeconómico | 1,94 | ,748 | 3,694 | ,000 |
| Estatuto Marital | 4,75 | 2,714 | 6,081 | ,000 |
| Índice Total de Problemas | 3,41 | 3,346 | 2,813 | ,000 |
| Relações Positivas | 64,88 | 13,525 | 1,429 | ,034 |
| Sentido de Vida | 61,00 | 10,668 | 1,137 | ,151 |
| Aceitação Pessoal | 60,36 | 13,553 | 1,544 | ,017 |
| Domínio do Ambiente | 59,92 | 11,354 | ,714 | ,688 |
| Crescimento Pessoal | 65,81 | 11,172 | 1,750 | ,004 |
| Autonomia | 59,98 | 11,478 | 1,138 | ,150 |
| Bem-Estar Psicológico | 372,70 | 63,629 | 1,580 | ,014 |
| Conf. Interpessoal no Melhor Amigo | 62,89 | 11,764 | 3,778 | ,000 |
| Conf. Interpessoal no Par Amoroso | 63,05 | 13,979 | 3,502 | ,000 |

Anexo VI. Coeficientes de correlação de Spearman da Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, associadas as dimensões de Bem-Estar Psicológico.

| | Confiança Interpessoal no Melhor Amigo | | Confiança Interpessoal no Par Amoroso | |
|---------------------|--|------|---------------------------------------|------|
| | R | p | r | P |
| Relações Positivas | ,443** | ,000 | ,374** | ,000 |
| Sentido de Vida | ,371** | ,000 | ,290** | ,000 |
| Aceitação Pessoal | ,391** | ,000 | ,303** | ,000 |
| Domínio do Ambiente | ,361** | ,000 | ,359** | ,000 |
| Crescimento Pessoal | ,380** | ,000 | ,233** | ,002 |
| Autonomia | ,278** | ,000 | ,238** | ,002 |

Anexo VII. Coeficientes de correlação de Spearman do Bem-Estar Psicológico e da Confiança Interpessoal no Melhor Amigo, no Par Amoroso e nos respectivos fatores.

| | Confiança Interpessoal no MA | | | | Confiança Interpessoal no Par Amoroso | | | |
|-----------------------|------------------------------|------|------------------|------|---------------------------------------|------|------------------|------|
| | Fator emocional | | Fator fidelidade | | Fator emocional | | Fator fidelidade | |
| | r | p | r | p | r | p | r | p |
| Bem-estar psicológico | r ,455** p ,000 | | | | r ,373** p ,000 | | | |
| | ,426** | ,000 | ,353** | ,000 | ,381** | ,000 | ,343** | ,000 |

Anexo VIII. Coeficiente de correlação de Spearman da Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso associadas as dimensões do Bem-Estar Psicológico relacionados com os diferentes grupos de idade.

| Dimensões do Bem-Estar Psicológico | Grupos de Idade | Confiança Interpessoal no Melhor Amigo | | Confiança Interpessoal no Par Amoroso | |
|------------------------------------|-----------------|--|-------------|---------------------------------------|-------------|
| | | r | P | R | P |
| Relações Positivas | 18 – 24 | ,476** | ,000 | ,474** | ,000 |
| | 25 – 44 | ,450** | ,000 | ,408** | ,002 |
| | 45 – 65 | ,341** | ,004 | ,268* | ,048 |
| Sentido de Vida | 18 – 24 | ,493** | ,000 | ,303* | ,031 |
| | 25 – 44 | ,347** | ,001 | ,293* | ,023 |
| | 45 – 65 | ,194 | ,102 | ,235 | ,076 |
| Aceitação Pessoal | 18 – 24 | ,458** | ,000 | ,352* | ,010 |
| | 25 – 44 | ,398** | ,000 | ,334* | ,010 |
| | 45 – 65 | ,230* | ,049 | ,186 | ,162 |
| Domínio do Ambiente | 18 – 24 | ,418** | ,000 | ,247 | ,094 |
| | 25 – 44 | ,307** | ,004 | ,356** | ,005 |
| | 45 – 65 | ,378** | ,001 | ,386** | ,003 |
| Crescimento Pessoal | 18 – 24 | ,383** | ,000 | ,074 | ,603 |
| | 25 – 44 | ,385** | ,000 | ,351** | ,006 |
| | 45 – 65 | ,310** | ,006 | ,196 | ,134 |
| Autonomia | 18 – 24 | ,178 | ,052 | -,061 | ,675 |
| | 25 – 44 | ,410** | ,000 | ,387** | ,003 |
| | 45 – 65 | ,281* | ,017 | ,253 | ,060 |
| Bem-Estar Psicológico | 18 – 24 | ,519** | ,000 | ,446* | ,004 |
| | 25 – 44 | ,465** | ,000 | ,367** | ,008 |
| | 45 – 65 | ,362** | ,004 | ,337* | ,022 |

Anexo IX. Coeficientes de correlação de Spearman das dimensões de Bem-Estar Psicológico associadas há Confiança Interpessoal no Melhor Amigo e no Par Amoroso, atendendo ao sexo e ao estatuto socioeconómico.

| Dimensões do Bem-Estar Psicológico | Nível Socioeconómico | Sexo | Confiança Interpessoal no Melhor Amigo | | Confiança Interpessoal no Par Amoroso | |
|------------------------------------|----------------------|------|--|-------------|---------------------------------------|-------------|
| | | | r | P | R | P |
| Relações Positivas | Baixo | M | ,387* | ,046 | ,254 | ,343 |
| | | F | ,465** | ,001 | ,496** | ,007 |
| | Médio | M | ,334* | ,047 | ,244 | ,240 |
| | | F | ,395** | ,000 | ,433** | ,006 |
| | Alto | M | ,560* | ,019 | ,395 | ,130 |
| | | F | ,387** | ,007 | ,341 | ,070 |
| Sentido de Vida | Baixo | M | ,357 | ,073 | ,210 | ,436 |
| | | F | ,381** | ,005 | ,359 | ,056 |
| | Médio | M | ,163 | ,341 | ,113 | ,591 |
| | | F | ,387** | ,000 | ,359* | ,023 |
| | Alto | M | ,403 | ,108 | ,272 | ,309 |
| | | F | ,340* | ,015 | ,337 | ,059 |
| Aceitação Pessoal | Baixo | M | ,343 | ,087 | ,047 | ,872 |
| | | F | ,452** | ,001 | ,435* | ,021 |
| | Médio | M | ,187 | ,267 | ,044 | ,833 |
| | | F | ,369** | ,001 | ,377* | ,015 |
| | Alto | M | ,586* | ,013 | ,328 | ,215 |
| | | F | ,350* | ,012 | ,486** | ,005 |
| Domínio do Ambiente | Baixo | M | ,527** | ,005 | ,334 | ,223 |
| | | F | ,269 | ,061 | ,396* | ,045 |
| | Médio | M | ,263 | ,116 | ,189 | ,355 |
| | | F | ,338** | ,003 | ,376* | ,018 |
| | Alto | M | ,464 | ,061 | ,398 | ,127 |
| | | F | ,285* | ,047 | ,412* | ,024 |
| Crescimento Pessoal | Baixo | M | ,533** | ,006 | ,269 | ,332 |
| | | F | ,268 | ,053 | ,194 | ,323 |
| | Médio | M | ,336* | ,042 | ,268 | ,185 |
| | | F | ,346** | ,002 | ,322* | ,040 |
| | Alto | M | ,629* | ,007 | ,288 | ,279 |
| | | F | ,172 | ,228 | ,156 | ,387 |
| Autonomia | Baixo | M | ,197 | ,314 | -,017 | ,951 |
| | | F | ,219 | ,119 | ,096 | ,633 |
| | Médio | M | ,117 | ,495 | ,085 | ,685 |
| | | F | ,331** | ,004 | ,465** | ,003 |
| | Alto | M | ,725** | ,001 | ,557* | ,025 |
| | | F | ,101 | ,485 | ,222 | ,229 |
| Bem-Estar Psicológico | Baixo | M | ,422 | ,064 | ,175 | ,587 |
| | | F | ,477** | ,001 | ,435* | ,030 |
| | Médio | M | ,308 | ,076 | ,244 | ,263 |
| | | F | ,457** | ,000 | ,466** | ,010 |
| | Alto | M | ,665** | ,004 | ,397 | ,128 |
| | | F | ,325* | ,038 | ,269 | ,076 |